

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

PEDRO LUÍS MACEDO DALCOL

FUTEBOL COMO “ÓPIO DO POVO”:
O PASQUIM, A SELEÇÃO DE 1970 E A OPOSIÇÃO À DITADURA MILITAR
(1969-1972)

Ponta Grossa
2023

PEDRO LUÍS MACEDO DALCOL

FUTEBOL COMO “ÓPIO DO POVO”:
O PASQUIM, A SELEÇÃO DE 1970 E A OPOSIÇÃO À DITADURA MILITAR
(1969-1972)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
para obtenção do título de graduado na
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área
de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Erivan Cassiano
Karvat.

PONTA GROSSA
2023

Dedico a minha avó Lída e a meu irmão Davi.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Danielle Maria Rodrigues Macedo e Pedro Dalcol Filho, pelo apoio, incentivo e dedicação na elaboração deste trabalho.

À Luiz Carlos Macedo, meu avô, pelo incentivo e por inspirar meu amor pelo futebol e pelo Coritiba Football Club.

Aos meus irmãos Ana Clara, Davi Francisco e Theo Henrique pelo apoio.

Ao Prof. Dr. Erivan Cassiano Karvat, pela contribuição de seus conhecimentos e sugestões na orientação deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Niltonci Batista Chaves, pela orientação do projeto de Iniciação Científica que antecedeu esse projeto.

Aos meus colegas do curso de Licenciatura em História, em especial Ana Caroline Mika, Gabriel Lacerda, Gabriele Pereira, Fabrício de Oliveira, Felipe Lomba, Emeli Catrine e Manuelle Moraes pela companhia em todos esses anos.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão desta pesquisa

[...]
por que o futebol virou a única política popular possível no país e, logicamente, canaliza sentimentos represados noutras DIREÇÕES.

(Pedro Ferreti)

RESUMO

A relação entre esporte e política é complexa e também é histórica, sendo que, por diversas vezes, na história do país, a política interferiu sobre o esporte: ainda na Primeira República, Delfim Moreira decretou ponto facultativo nas repartições públicas e no comércio no Rio de Janeiro em 1919 por conta de uma partida da seleção; Vargas, durante a Estado Novo se esforçou para alavancar o futebol no país com a organização de Ligas, construção de estádios e a organização de campeonatos; no pós-1964 os militares no exercício do poder, não tardaram a usá-lo como uma importante ferramenta para a propaganda de seu regime. A partir de 1968, registram-se diversas interferências estatais no futebol, tanto na criação do Campeonato Brasileiro amplo e com dimensões nacionais, quanto na gestão técnica e esportiva da seleção brasileira. Nesse contexto, me proponho a analisar um periódico, que diferentemente da mídia jornalística no geral que era condescendente com o regime, assumiu um tom crítico com relação à conquista da Copa do Mundo em 1970 e sua repercussão política e social, o jornal alternativo, *O Pasquim*. Nesse sentido, tanto o discurso textual quanto o imagético (charges, fotografias, caricaturas, etc.) contidos no periódico serão objeto de análise e problematização pela pesquisa.

Palavras-chave: Ditadura Militar, Resistência, Futebol, Cultura de massa, Imagem, Práticas discursivas, Imprensa.

ABSTRACT

Sports has interfered with politics, and vice versa, several times in our recent history. Vargas made an effort to boost football in the country by organizing leagues, building stadiums and organizing championships; still in the First Republic, Delfim Moreira decreed an optional point in public offices and the commerce in Rio de Janeiro in 1919 on account of a national team match; in the post-1964 period, the military, in the exercise of power, did not take long to use it as an important tool for the propaganda of their regime. From 1968 onwards, there were several state interferences in football, both in the creation of the Brazilian Championship with national dimensions, and in the technical and sports management of the Brazilian national team. In this context, i propose to analyze a periodical, which, unlike the journalistic media in general, which was condescending to the regime, assumed a critical tone regarding the conquest of the World Cup in 1970 and its political and social repercussions, the alternative newspaper, O Pasquim. In this sense, both the textual and the imagery discourse (cartoons, photographs, caricatures, etc.) contained in the journal will be the object of analysis and problematization by this research.

Keyword: Military Dictatorship, Resistance, Football, Mass Culture, Image, Discursive Practices, Press.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 – UM JOGO BENEFICIANDO A QUEM?.....	11
CAPÍTULO 2 - HUMOR, OPOSIÇÃO E CONTRACULTURA.....	22
CAPÍTULO 3 – FUTEBOL COMO ÓPIO DO POVO: O PASQUIM E O DILEMA DA OPOSIÇÃO.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	63

INTRODUÇÃO

Nascido da elite britânica e apropriado pela classe trabalhadora da Inglaterra em seu processo de industrialização, o futebol se tornou uma importante forma de expressão popular na sociedade, entrando no imaginário coletivo, passando de apenas um esporte praticado nos momentos de lazer de uma pequena parcela da população para a grande paixão nacional, uma verdadeira “religião leiga” do proletariado de massa, parafraseando o historiador britânico Eric Hobsbawm (1987).

O jogo de futebol vira o ponto central onde milhares de trabalhadores se juntavam duas vezes por semana para poder torcer, gritar, celebrar ou amaldiçoar até o último herdeiro da família daquele atacante que, aos 47 do segundo tempo em uma final da tradicional FA Cup, chutou a bola para fora. O famoso bonezinho chato e com pala, nas palavras de Hobsbawm, torna-se o uniforme oficial do trabalhador, com diversas cores e brasões que podem começar brigas gigantescas desde Londres aos maiores polos industriais britânicos, um simples adereço que entrelaça de maneira fiel e apaixonada, a linha mais tênue entre o lazer e o trabalho.

Tal fenômeno se repetiu com igual (ou maior, dependendo se a pergunta é dirigida a um brasileiro ou a um inglês) intensidade no Brasil. Também difundido pela elite, como cita Nicolau Sevcenko (1998, p. 581), “ele seria adotado com enorme entusiasmo pelos grupos populares que, com base em suas tradições rítmicas e lúdicas, relacionadas à destreza do uso dos pés e movimentos do corpo e da cintura, construíram sua própria versão do esporte britânico...”.

O esporte interferiu na política e vice-versa diversas vezes, como, por exemplo, quando Vargas se esforçou para alavancar o futebol no país com a criação do Maracanã que em 1950 protagonizou o famoso “Maracanazo”, onde quase 200 mil pessoas assistiram a derrota da seleção brasileira por 2 a 1 perante o Uruguai na final da Copa do Mundo daquele ano, a revolta foi tão grande que o uniforme branco parou de ser utilizado, ou quando o presidente Delfim Moreira decretou ponto facultativo nas repartições públicas por conta de um jogo da Seleção Brasileira. O regime militar, principalmente após a chegada de Emílio Garrastazu Médici ao poder no ano de 1969, que marca os chamados “anos de chumbo” da ditadura militar, também utilizaria o esporte a seu favor, em especial com a conquista da Copa do Mundo de 1970, no México.

Diante deste cenário, este artigo pretende contextualizar de que formas o

esporte foi utilizado como propaganda estatal pelo regime militar como uma tentativa de garantir apoio popular através de uma das maiores paixões do povo brasileiro, o futebol.

A metodologia utilizada baseou-se na análise da formação discursiva presente no periódico *O Pasquim*, servindo como uma antítese ao que era vinculado à mídia tradicional que, no geral, compactuava com o regime.

O objetivo deste texto é analisar o periódico, buscando compreender sua especificidade, pois, no geral, *O Pasquim*, lançando mão da ironia e do chiste, se notabilizou pelo enfrentamento ao regime da época (Pasquim, 2006), diferenciando-se das demais fontes da mídia jornalística, muitas vezes condescendentes com o quadro político da época, buscando-se, aqui, entender de que forma o jornal assumiu um tom crítico com relação a essas intervenções e trazendo à tona as contradições sociais do regime, com foco em compreender através da formação discursiva do periódico, um dos principais dilemas presentes na oposição, a discussão sobre o uso do futebol como cultura de massa e os usos feitos pela oposição ao regime.

Nesse sentido, tanto o discurso textual quanto o imagético (charges, fotografias, caricaturas.) contidos no periódico serão apresentados e problematizados pela pesquisa.

O trabalho será estruturado através de três capítulos. O primeiro, intitulado “um jogo beneficiando a quem?”, busca historicizar o esporte e como ele se espalha através do mundo, com foco em entender como o futebol se tornou uma grande representação da cultura de massas no Brasil e como o mesmo passaria a ser utilizado pela política. O seguinte, “Humor, Oposição e Contracultura”, tem como objetivo apresentar a fonte e objeto de estudo deste trabalho, o jornal *O Pasquim*, destacando a criação do periódico, seus redatores e a forma como o mesmo vai abordar o futebol em sua formação discursiva. O capítulo também se volta à reflexão teórica sobre a produção de um discurso, aproximando-se da questão central da pesquisa, a relação do jornal *O Pasquim* com um dos principais dilemas da oposição à ditadura.

Tal dilema é o foco central do terceiro e último capítulo do texto, intitulado “Futebol como ópio do povo: *O Pasquim* e o dilema da oposição” que busca evidenciar como *O Pasquim* enfatiza a discussão sobre o uso do futebol pela oposição.

As fontes presentes na elaboração deste projeto se baseiam, principalmente, na análise do periódico *O Pasquim*, consultado através do acervo disponível na plataforma BNdigital Brasil (<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/o-pasquim/>), assim como sua comparação com demais jornais e revistas da época como, por exemplo, a Folha de São

Paulo, consultado em seu acervo digital (<https://acervo.folha.com.br/index.do>) e a revista Veja, consultado através de seu acervo digital próprio (<https://complemento.veja.abril.com.br/acervodigital/index-novo-acervo.html>) . Além disso, diversos livros, teses, discursos público, entrevistas e artigos foram utilizados na produção desta pesquisa e podem ser consultados nas referências ao final do texto.

Este projeto teve como antecessor um projeto de Iniciação Científica realizado entre os anos de 2021 e 2022 intitulado “Muito além da Pátria de Chuteiras: Os discursos textuais e imagéticos do jornal O Pasquim como forma de resistência cultural”, sob orientação do Prof. Dr. Niltonci Batista Chaves, com investimento da Fundação Araucária e apresentado no XXXI EAIC - Encontro Anual de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

CAPÍTULO 1 – UM JOGO BENEFICIANDO A QUEM?

O futebol como produto de massas, surge na Inglaterra no contexto da segunda revolução industrial no século XIX. Criado pela elite e apropriado pela classe trabalhadora inglesa, o esporte caiu nas graças do povo na segunda metade do século, tornando-se a maior paixão do operário inglês em seu tempo de lazer.

A relação do lazer com o trabalho decorre da luta por jornadas de trabalhos mais justas para os trabalhadores, ao longo do processo de industrialização. “A instituição de uma jornada normal de trabalho é, por isso, o resultado de uma guerra civil de longa duração, mais ou menos oculta, entre a classe capitalista e a classe trabalhadora” (Marx, 2012, p.342–343). Na medida em que as jornadas de trabalho começavam a se moldar, o lazer para suas horas vagas se tornava um elemento importante na sociedade.

Nesse contexto, o futebol acaba se estabelecendo como um fator central na identidade da classe operária britânica, como indica Hobsbawm (1987) quando diz que a consolidação das classes sociais e de suas identidades percorre não apenas as atividades diretamente vinculadas ao trabalho, mas também a criação de símbolos e de atividades distintas.

Hobsbawm explica de que forma o futebol entrou no dia a dia dos trabalhadores ingleses na segunda metade do século XIX e como o mesmo se tornou um fator identitário:

O futebol como esporte proletário de massa — quase uma religião leiga — foi produto da década de 1880, embora os jornais do norte já ao final da década de 1870 houvessem começado a observar que os resultados de jogos de futebol, que eles publicavam somente para preencher espaço, estavam na verdade atraindo leitores. O jogo foi profissionalizado em meados da década de 1880 [...] a curiosa polarização que dividia cidades industriais acima de um certo porte em partidos rivais que apoiavam times rivais. (Hobsbawm, 1987, p 268)

A construção dessa identidade passa por diferentes fatores sociais, como classe, religião, localidade e valores, criando rivalidades entre os times e seus torcedores:

Sheffield United contra Sheffield Wednesday, Nottingham Country contra

Glasgow Celtic (com um forte tom de católicos contra protestantes, ou irlandeses contra não-irlandeses, em cidades onde havia divisão de nacionalidades) etc. (idem)

O futebol, tanto o praticado no tempo livre por milhares de trabalhadores britânicos, quanto o que acontecia nos campos que recentemente se tornaram profissionais, foi tomado das suas origens na elite britânica para virar a maior das paixões do operário britânico, que com a expansão da ilha, o espalham pelo mundo todo, como dito por Carreira (2018, p. 17):

A propagação planetária do futebol está intrinsecamente relacionada ao imperialismo inglês e à sua vasta área de influência. Surgido no seio das elitizadas instituições de ensino da Inglaterra e rapidamente popularizado pela classe operária britânica, o futebol moderno é fruto do acelerado processo de urbanização ocorrido no país no final do século XIX no contexto da Segunda Revolução Industrial.

Seguindo os moldes da Inglaterra, o futebol no Brasil também começou limitado à elite. Praticado inicialmente pela aristocracia brasileira, o esporte chegou ao país no final do século XIX quando Charles Miller, muitas vezes considerado como o pai do futebol brasileiro, desembarcou no país com bolas e uniformes trazidos da Inglaterra no ano de 1894, mesmo que alguns historiadores argumentem que já teriam ocorrido diversas partidas de futebol em território nacional antes disso. (Witter, 1990).

Sobre esse debate dentro da historiografia sobre o início do futebol no país, Magalhães (2014, p. 20) comenta:

Porém como aponta Leonardo Pereira, existem relatos ainda no século XIX dessa prática esportiva fora desse âmbito por navegadores e até operários, e em muitos casos a apropriação desse esporte ocorreu não pelas vias das elites e seus clubes, mas por manifestações sociais de atores diversos, que praticavam o futebol fora desses espaços fechados e controlados. Portanto, a formação dos primeiros clubes populares como o Sport Club Corinthians Paulista, em São Paulo, ou o clube de operários de Bangu, no Rio de Janeiro, representou a massificação do esporte, e não apenas sua expansão para novos setores sociais.

Com o processo de industrialização do país, o futebol foi chegando cada vez mais na classe trabalhadora que, assim como na Inglaterra, começaria a encontrar nos times de futebol e na própria prática do esporte, elementos identitários que as definam:

[...] o processo de metropolização de algumas cidades, que fez do futebol um esporte especial, pois cumpria o papel de adaptar a população urbana ao ritmo industrial que se impunha; o aparecimento e a expansão da radiodifusão, que permitiu o futebol chegar a mais pessoas e a lugares mais distantes; além das transformações na imprensa esportiva escrita, que aproximou ainda mais os torcedores do futebol. (Negreiros, 1997, p. 1)

E não só a criação de identidades locais pelos clubes de futebol foi definida, mas também, com o advento de campeonatos globais como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, a criação de uma identidade nacional que nasce junto com as seleções de futebol e as instituições que as englobavam no começo do século XX:

[...] com a propagação de entidades futebolísticas em todo o mundo e a realização de disputas internacionais entre as seleções, o futebol foi percebido por seus dirigentes e por políticos como uma forma de impulsionar relações diplomáticas [...] Importante destacar que Brasil e Argentina também tiveram atuações nesse sentido. Por exemplo, em 1904, durante uma partida entre as duas seleções, o então presidente argentino, Julio Argentino Roca, compareceu ao vestiário de sua seleção no intervalo para pedir moderação no placar: a vitória por três a zero, era suficiente, uma diferença maior poderia afetar a boa relação entre os dois países naquele momento (Magalhães, 2014, p. 23).

A criação destas entidades causou na população de seus países, um gigantesco sentimento identitário, com a construção de uma identidade nacional baseada no esporte. Mais que uma representação popular, o futebol passa a ser uma forma de expressão autônoma:

O futebol seria, ao mesmo tempo, um modelo da sociedade brasileira e um exemplo para ela se apresentar. Em outras palavras, o futebol constituir-se-ia, por um lado, numa imagem da sociedade brasileira e, por outro, num exemplo que daria a ela um modelo para se expressar. (Daolio, 2000, p. 25)

O futebol então se tornaria uma importante ferramenta dentro da sociedade, estabelecendo uma grande relação com a população de modo geral. Nesse contexto, a política não tardou a deslumbrar naquele fenômeno, uma grande oportunidade de chegar na população através de uma de suas grandes paixões:

O esporte assumiu o papel de propagador dos anseios nacionais quanto ao desenvolvimento organizado e disciplinado da nação. As projeções estatais sobre o setor esportivo direcionavam-se para duas direções principais: em um rumo, assumia o discurso higienista de domesticação e disciplinarização da população por meio do controle e manutenção saudável dos movimentos corporais; por outro, fortaleceria a imagem do Estado, vinculando-a aos sucessos esportivos. (Marczal, 2011, p. 32)

Mesmo com a forte relação entre o futebol e eventos políticos e históricos, sua história apresenta suas especificidades, como afirma Pierre Bourdieu:

[...] a história do desporto é uma história relativamente autônoma que, ainda quando é escandida pelos grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio ritmo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, sua cronologia específica. (Bourdieu, 1983, p. 119).

Nesta circunstância, acontecimentos no esporte devem ser analisados tanto de forma independente quanto em conjunto com demais eventos históricos, políticos e sociais:

Desse modo, ao investigar o processo histórico de constituição e difusão do futebol no Brasil, deve-se levar em conta as tensões políticas, sociais e esportivas que fazem parte do período visitado. Paralelamente, é necessário ponderar sobre as maneiras como o esporte é retratado e transmitido à população pelos narradores do momento – intelectuais, jornalistas, políticos etc. (Marczal, 2011, p. 38).

Sobre a forma como o futebol começou a ser utilizado na política global, Vasconsellos (2011, p. 11) relata:

As razões que fizeram do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas teriam sido a facilidade e a facilidade de provocar, mesmo nos menores atores políticos individuais ou públicos, a identificação com a nação. A imaginária comunidade de milhões de concidadãos parece mais real, mais protagonista, na forma de um time de jogadores nomeados. O indivíduo, mesmo o simples torcedor, torna-se o próprio símbolo de sua nação.

Em opinião publicada no jornal *The New York Times* em 2006, no início da Copa do Mundo da Alemanha, o então Secretário-Geral da ONU, Kofi Afta Annan, comentou sobre essa eficácia:

Você pode estar se perguntando por que o secretário-geral das Nações Unidas está escrevendo sobre futebol. Mas o fato é que a Copa do Mundo faz com que nós, nas Nações Unidas, fiquemos verdes de inveja. Como o pináculo do único esporte verdadeiramente global, jogado em todos os países, por todas as raças e religiões, é um dos poucos fenômenos tão universais quanto as Nações Unidas. Você pode até mesmo dizer que é mais universal. A FIFA tem 207 membros; nós temos apenas 191. (Annan, 2006, tradução livre)

Essa eficácia que o futebol alcançou, se tornando um grande produto da cultura de massa, não tardou a ser utilizada na política que viu no futebol uma forma direta para chegar na população:

A análise realizada por diversos pesquisadores e profissionais que trabalham com o tema esporte – como Julio Frydenberg (1999), Pablo Alabarces (1998), Leonardo Pereira (200), Gisele Moura (1998), Carlos Eduardo

Sarmento (2006) e Gilberto Agostino (2002) – é sobre o caráter mobilizador que ele possui. Seguindo essa linha de pensamento, tais estudiosos apontam que foi por isso que o futebol não escapou de ser objeto de interesse de governos políticos. No Brasil, o futebol de maneira geral, os clubes, a prática do esporte e os campeonatos nacionais foram alvo de interesse e até de intervenção do Estado desde as primeiras práticas no país. Com o tempo, a seleção nacional tornou-se o principal “alvo” de interesses políticos e foi instrumento para muitos governos, tanto em ditaduras como em períodos democráticos. (Magalhães. 2014, p. 21).

Refletindo sobre a realização do terceiro Campeonato Sul-Americano no Rio de Janeiro em 1919, que marcou o primeiro título internacional da Seleção Brasileira e a forma como o título ficou marcado no imaginário popular da época, Sarmento (2006, p.20) comenta:

[...] para além dessas disputas políticas, a realização do torneio confirmou muitas das expectativas de seus idealizadores. Primeiro, porque o esporte reafirmou sua condição de meio de expressão das construções imaginárias acerca da identidade nacional. Intelectuais, artistas e políticos, como o escritor Coelho Neto, manifestaram-se favoravelmente à disseminação da prática desportiva como elemento de ascensão social e de realização das aspirações e projetos relacionados à construção da identidade nacional brasileira. Em segundo lugar, porque o caráter lúdico e popular do futebol foi fortalecido. A presença do público nos jogos surpreendeu os organizadores e os delegados das demais nações representadas, evidenciando a lenta, porém irreversível, tendência de popularização de um esporte elitista em seu nascedouro.

Mesmo que tenham existido intervenções esporádicas desde o final do século XIX, foi a partir das décadas de 1930 e 1940 que o governo brasileiro passou a ter um papel fundamental para o incentivo e para a evolução do futebol no país:

O esporte operou, assim, sobre a articulação das modalidades e os mecanismos de consenso civil e político, porque se trata de um conjunto de emoções, necessidades e subjetividades relacionadas com as modalidades narrativas de um sentimento patriótico. (Alabarces & Rodríguez, 1997, S.P)

No contexto dos primeiros governos de Getúlio Vargas, o futebol foi utilizado na construção de um modelo nacional. Os jogos passam a ser transmitidos nas rádios, o presidente recebia os jogadores da Seleção antes de viagens importantes e diversos estádios foram criados.

Os meios de comunicação tiveram um papel fundamental na criação de um sentimento nacional em relação à seleção brasileira que era apresentada como uma representação do próprio povo brasileiro que era mostrada para o exterior. Por ocasião

da Copa do Mundo de 1938, pela primeira vez, os jogos foram transmitidos na rádio, veículo muito importante para Vargas que aproveitou a ocasião para se aproximar da população através do futebol (Negreiros, 1997). Mesmo com a derrota do Brasil nas semifinais do torneio, os jogadores foram recebidos com uma grande festa no porto do Rio de Janeiro.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, que impossibilitou a realização das copas de 1942 e 1946, o Brasil foi confirmado como sede da Copa do Mundo de 1950. Nesse contexto, em apenas dois anos foi construído o maior estádio do mundo na época, o Mário Filho, conhecido popularmente como Maracanã. Nessa ocasião, o país sede tinha uma grande esperança de que o tão sonhado primeiro título mundial viria e a tão sonhada taça Jules Rimet seria erguida pela seleção em solo brasileiro. A população transformou aquele evento em uma grande festa e o governo buscava valorizar uma suposta democracia racial que era percebida também no futebol:

Na visão freyriana, os traços da miscigenação incorporaram as entranhas de nossa sociedade, cujos desdobramentos estavam plenamente representados no futebol. Tal percepção ganhou coro de diversos escritores e cronistas. Dentre esses, o mais destacado foi, sem dúvida, Mario Filho. O autor figurou como um dos grandes responsáveis pela transposição de parte dos ideais raciais atribuídos a Gilberto Freyre ao universo do futebol. Além da defesa do futebol em suas crônicas e reportagens – particularmente a partir do *Jornal dos Sports* – o jornalista carioca também articulou suas ideias em obras bastante significativas. (Marczal, 2011, p. 35-36)

Com a chegada do Brasil na final do campeonato, a confiança na vitória da seleção contra o Uruguai em pleno Maracanã lotado, com cerca de 200 mil pessoas era iminente.

Sobre esse clima de confiança, o escritor uruguaio Eduardo Galeano comenta:

O dono da casa estreava o maior estádio do mundo. O Brasil era uma marca, a final era uma festa. Os jogadores brasileiros, que vinham massacrando todos seus rivais de goleada em goleada, receberam na véspera relógios de ouro que diziam no dorso: Para os campeões do mundo. As primeiras páginas dos jornais tinham sido impressas antecipadamente, já estava armado o imenso carro alegórico que iria encabeçar os festejos, já tinha sido vendido meio milhão de camisetas com grandes letreiros que celebravam a vitória inevitável. (Galeano, p. 33)

O final não foi o esperado, o Brasil perdeu para o Uruguai na presença de uma torcida gigantesca. O trauma da derrota, no entanto, não acabou com o sonho do primeiro título, pois, pelo contrário, se criou a partir disso, na vontade de se reerguer e se estruturar, um apoio ainda mais forte à seleção brasileira que se mostrava cada vez mais como um dos pilares da nacionalidade brasileira. (Moura & Guterman, 2009).

Com as derrotas nas Copas de 1950 e posteriormente a de 1954, a CBD (Confederação Brasileira de Desportos), atual CBF, passaria por uma reestruturação que tinha como principal objetivo ganhar a Copa do Mundo e provar para o mundo que o Brasil tinha capacidade para tal feito. O principal nome dessa reestruturação foi João Havelange:

A ideia, encampada pela nova presidência da CBD, era dotar o selecionado brasileiro de todo um conjunto de forças auxiliares que pudessem promover a superação de suas tradicionais deficiências. Para vencer era necessário organizar-se, programar-se estrategicamente e curar mazelas físicas, morais e psicológicas. Encontramos embutida nesse discurso uma clara proposta civilizatória, que procurava incorporar à representação simbólica da nacionalidade um conjunto de elementos então associados à modernidade e ao progresso. (Sarmiento, 2006, P. 97)

A estratégia de João Havelange deu certo, e garantiu à seleção brasileira seu primeiro título em 1958 e seu bicampeonato logo depois em 1962. A vitória da Seleção Brasileira nas duas Copas, colocaram o país em uma posição de destaque no cenário esportivo mundial o que, naturalmente, foi utilizado na política:

Nos eventos seguintes, em ditaduras ou em períodos de forte crise política e social, ambos os países (Brasil e Argentina) vão enxergar a vitória esportiva com outros olhos. O contexto mudava, assim como o significado de erguer a taça, cada vez mais uma prova de superioridades que um troféu esportivo. Em sua interpretação para estar na elite mundial, era preciso atingir a elite esportiva, a taça da FIFA se tornava uma obsessão. (Magalhães, 2014, p. 46)

Assim, quando os militares chegaram ao poder, em razão do golpe civil-militar de 1964, o Brasil se encontrava no topo do futebol mundial, tendo vencido duas das últimas três Copas do Mundo. O governo militar não tardou a apropriar-se do futebol em seu discurso, principalmente a partir do governo de Emílio Garrastazu Médici.

Dessa maneira, o regime tentava aproximar o povo brasileiro ao governo utilizando esse grande fator de influência no imaginário popular, promovendo um paralelo entre os atletas da seleção brasileira e a população brasileira em si, o

estabelecimento do “ser um brasileiro” através do futebol em seu momento de mais relevância, no período de Copa do Mundo. Médici era frequentador de estádios pelo Brasil, falava de futebol em seus discursos e se definia como mais um brasileiro apaixonado pelo esporte.

Com a chegada do ano da Copa do Mundo do México em 1970, que daria ao Brasil novamente a chance de garantir a posse definitiva da taça Jules Rimet, que foi prometida pela FIFA ao primeiro país que a conquistasse 3 vezes, Médici não tardou a utilizar do evento em seus discursos oficiais para o povo.

Em 25 de janeiro de 1970, em discurso na Praça do Povo sobre a comemoração do aniversário da fundação da cidade de São Paulo, o militar fez questão de enaltecer seus esforços para a transmissão televisiva da Copa: “Solidariedade também é juntar-se às paixões da alma popular. E, nas asas dessa paixão, meu governo se empenhou para que trouxéssemos o México à plateia de todos os lares do Brasil.” (Brasil, 1970).

Quando a seleção brasileira se consagrou campeã daquela edição daquela competição, em uma vitória de 4 a 1 contra a Itália no dia 21 de junho, Médici deixaria clara sua tentativa de vincular a conquista da seleção ao ideal do cidadão brasileiro, quando diz: "Neste momento de vitória, trago ao povo a minha homenagem, identificando-me todo com a alegria e a emoção de todas as ruas, para festejar em nossa incomparável Seleção de Futebol, a própria afirmação do valor do homem brasileiro!" (Brasil, 1970).

A relação de Médici com a seleção brasileira e com a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), não ficou apenas no discurso, pois o presidente e o governo interferiram diretamente, tanto na comissão técnica quanto nas convocações de jogadores.

Um dos casos mais notórios foi a demissão do técnico João Saldanha, que treinou a seleção durante as eliminatórias para a Copa do Mundo em 1969. Embora o próprio presidente da CBD à época, João Havelange, tenha dito que a decisão ocorreu pelo temperamento do treinador e de que não teria ocorrido nenhum motivo político, Saldanha afirmaria ter sido demitido pela sua vinculação com o Partido Comunista Brasileiro e por não ter acatado as interferências que Médici queria implementar na seleção, em especial, o pedido para que certos jogadores escolhidos pelo presidente fossem convocados. Em entrevista à RBS, filiada da Rede Globo em Porto Alegre, Saldanha disse: "Eu e o presidente, ou o presidente e eu, temos muitas coisas em

comum. Somos gaúchos, somos gremistas, gostamos de futebol, e nem eu escalo seu Ministério, nem o presidente escala o time.” (Siqueira & Macedo, 2008)

A demissão de Saldanha é rodeada de polêmicas e até hoje é debatida. Muitos argumentam o caráter político dessa decisão, contudo diversas outras questões aparecem no debate como o suposto comportamento agressivo do treinador e diversas falas polêmicas do mesmo como, por exemplo, quando disse que Pelé estaria com problemas na visão, ocasião que levou o técnico a escrever uma carta aberta na revista *Placar* onde comentava sobre como o médico da seleção Lídio Toledo havia escondido uma suposta miopia de Pelé, além de se omitir em relação ao corte de alguns jogadores do selecionado. Saldanha também escreveria uma declaração a Médici, comentando a pressão que sofria para escalar o atleta Dário Maravilha a pedido do presidente:

Sr. Presidente da Republica, general Garrastazu Médici. O senhor é gaúcho, sabe que eu adoro gaúcho. O senhor é gremista, sabe que eu adoro o grêmio. Todo mundo diz que sou Botafogo. Não. Sou Botafogo no Rio de Janeiro, mas o meu clube – todo garoto, sabem, gosta mais do seu primeiro clube – é o Grêmio, que é também o seu clube. Então, nos temos essas coisas em comum. Eu conheço sua família, o senhor conhece a minha. Somos filhos daquelas famílias tradicionais, os gaúchos de quatrocentos ou quinhentos anos. O senhor é um torcedor apaixonado pelo futebol, isso é uma maravilha. O Brasil precisava havia muito de um presidente que gostasse de futebol, verdadeiramente, como o senhor gosta. O senhor é um homem de vestiário. Seu irmão foi um jogador muito bom. Então o senhor é gente do futebol. (Saldanha, 1970, p. 22-26).

Nesse contexto, Havelange enxerga a necessidade de agradar o governo para seguir com seus planos na CBD. Com isso, transforma a seleção em um objeto de propaganda, organizando amistosos, aparições públicas e eventos. (Magalhães, 2014)

Além das interferências estatais na organização da CBD, os jogadores também foram usados pelo regime em diversas ocasiões como, por exemplo, em um comunicado em nome da Seleção publicado na revista *Veja* quando, no meio da Copa do Mundo de 1970, a Ação Libertadora Nacional (ALN) e a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), realizaram o sequestro do embaixador alemão Ehrenfried Von Holleben como forma de pedir a libertação de presos políticos. O comunicado dizia:

O Ministério do Exército distribui a seguinte nota:
Guadalajara – Urgente. Causou profundo impacto na seleção a notícia chegada ao México sobre o sequestro do embaixador alemão. Pelé, Rivelino, Clodoaldo e outros craques lamentaram que maus traidores e criminosos venham quebrar a tranquilidade e o entusiasmo da Seleção. Lamentaram

nossos craques que os terroristas, a serviço dos países comunistas, tentem com atos criminosos atingir um país amigo. (Veja, 1970, p. 27)

No contexto da Copa do Mundo de 1970, a mídia tradicional buscava vincular as conquistas da Seleção ao regime, tentando associar as vitórias no esporte ao governo, transformando o futebol em um verdadeiro símbolo através do imaginário coletivo. Em matéria publicada pela revista *Veja* após a conquista da Copa do Mundo, se lê:

Um dos momentos mais emblemáticos da vitória foi a abertura dos portões do palácio da Alvorada pelo presidente Médici, deixando a população entrar e participar da festa da conquista: “Mas os aplausos do presidente tinham também outro significado: o povo o reconhecia e aceitava como cabeça e símbolo da imensa e exaltada torcida em que o país inteiro havia se transformado.” (Veja, 1970)

Dessa forma, a mídia teria um papel central na aproximação do futebol ao governo, criando uma narrativa popular utilizando o esporte como forma de adesão social:

Sob esta perspectiva volta-se à atenção para investigação do futebol a partir de determinada documentação periódica, tendo em vista sua dupla função. De um lado, como um dos principais canais de veiculação das notícias políticas e esportivas junto à população, de outro, como sujeito atuante no espaço político e social, divulgador de ideias e formador de opiniões. (Marczal, 2011, p. 48).

O regime encontrou na seleção, uma forma de se legitimar através da propaganda estatal. A propaganda, nesse sentido, é definida como uma:

[...] mensagem com intencionalidade direta ou indiretamente política, totalmente controlada pelo emissor em suas fases de produção e difusão, cujo objetivo é a promoção deliberada das ideias e interesses do comunicador, com o propósito de produzir no público selecionado certas respostas cognitivas, afetivas e/ou comportamentais. (Beaudoux, d’Adamo & Slavinsky, 2011, p. 28)

A propaganda estatal durante a ditadura era organizada pela Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) e seu objetivo principal era coordenar a comunicação entre o regime e a sociedade civil. No governo de Médici, a organização buscava especialmente vender noções de cidadania, apontando “boas ações” dos militares e alertando sobre supostas ameaças a serem combatidas. (Magalhães, 2014)

Sobre a forma como o regime utilizou o futebol durante a Copa do Mundo de 1970, Magalhães explica:

Nessa lógica, o principal meio de comunicação do discurso do regime e de sua propaganda foi a televisão, especialmente através de minifilmes elaborados pela AERP, porém não vinculados explicitamente a nenhum órgão do governo. Essa função, que adquiriu o televisor, também justifica as obras de infraestrutura para a transmissão ao vivo dos jogos da Copa de 1970, em função do interesse do regime de que a maior parcela possível da população adquirisse esse aparelho. (Magalhães, 2014, p. 118)

Com isso em mente, podemos encontrar em *O Pasquim* o objeto central desta pesquisa, um discurso que iria na-contramão de toda essa formação discursiva presente na mídia tradicional, buscando no futebol uma forma de legitimar e humanizar o regime. Da mesma forma que o futebol foi usado pelo regime para sua propaganda, *O Pasquim* buscou no esporte uma forma de oposição ao governo.

Na mesma medida que o futebol seria utilizado pelo *O Pasquim* como uma forma de oposição, a linha editorial do periódico acabou demonstrando um dos principais dilemas da oposição ao regime militar, discutindo-se sobre o uso do futebol pelos opositores visto que o mesmo era um dos principais instrumentos da propaganda governamental. Com isso, setores da esquerda divergiam com relação ao tema, pois alguns defendiam a ideia de que o futebol estava sendo utilizado como uma espécie de “ópio do povo”, desviando o foco de problemas estruturais e sociais, enquanto outros argumentavam que o regime não poderia tirar o direito do povo de apreciar o esporte.

Nesse sentido, mesmo que a formação discursiva em *O Pasquim* tenha utilizado o futebol como forma de oposição, em diversos momentos podemos observar que os jornalistas do periódico, com toda a paixão que tinham pelo esporte, não passaram imunes pela emoção causada pela conquista da Copa do Mundo.

CAPÍTULO 2 – HUMOR, OPOSIÇÃO E CONTRACULTURA

O nascimento de *O Pasquim* na verdade surge de uma morte. Ao fim de 1968, após o falecimento do jornalista Sérgio Porto, notório crítico da ditadura e membro do tablôide de humor *A Carapuça*, uma reunião entre o cartunista Jaguar e os jornalistas Tarso de Castro e Sérgio Cabral daria início ao Pasquim como substituto do antigo jornal.

Seu nome foi sugerido por Jaguar e significava “jornal difamador, folheto injurioso”, já prevendo as críticas que seriam feitas ao mesmo: “Que tal Pasquim? propus. “Vão nos chamar de pasquim, terão de inventar outros nomes para nos xingar” (Pasquim, 2006).

Sua primeira edição saiu no dia 22 de junho de 1969, com uma tiragem de 28 mil exemplares. Irreverente desde sua concepção, o subtítulo da edição anunciava “Aos amigos, tudo; aos inimigos, justiça”.

A capa destacava a entrevista realizada com o colunista social Ibrahim Sued. Como títulos secundários, se destacam uma matéria sobre o festival de Cannes com a atriz Odete Lara e um artigo de Chico Buarque sobre a conquista do Campeonato Carioca de 1969 pelo Fluminense. Intitulado “Um tricolor em Roma”, o texto de Chico fechava a edição trazendo uma reflexão do músico sobre a conquista do Campeonato Carioca e como essa notícia havia chegado nele, que no momento estava exilado na Itália.

A primeira edição do semanário já dava o tom irreverente e “do contra” pretendido por seus criadores. Jaguar dizia que “o nosso negócio era ser do contra. Contra a ditadura, contra as capas (não confundir com contracapas) e a linguagem solene dos jornalões no final dos anos 1960.” (Pasquim, 2006).

Com tiras humorísticas e matérias sobre o cotidiano, o jornal constrói sua linha editorial e, por consequência, uma linguagem própria inerente a qualquer forma de discurso. A análise desse discurso em um contexto de repressão estatal na mídia, se fazia extremamente necessária¹. Analisar as nuances dos artigos e das charges nos ajuda

¹ “A análise do discurso assim concebido — sobretudo nas duas últimas acepções listadas acima — pode efetuar-se: pela semântica, teoria do conteúdo das significações ou, como agora passou a preferir-se, estudo das mencionadas significações que seja ao mesmo tempo gerativo (investimentos sucessivos de sentido em patamares diferentes), sintagmático (e não unicamente classificatório) e geral (não atado com exclusividade a um único sistema significante); ou pela semiótica, que se ocupa da concordância (ocorrência, oposição,

a compreender a forma que os colaboradores inseriam suas críticas ao governo no conteúdo do jornal, críticas essas que se tornariam mais presentes conforme a repressão aumentava e a linha editorial se tornava mais politizada em suas charges e textos, transformando o jornal em um dos maiores símbolos da oposição à ditadura militar na mídia:

E ainda que nos primeiros tempos fosse mais folgazão, gozador, festivo (a expressão “esquerda festiva” foi inventada por um de seus colaboradores, Carlos Leonam) e atento a questões de comportamento, aos poucos deixou-se contaminar pelo inevitável: a indignação política. Sem, contudo, abrir mão do velho preceito de Horácio (reciclado por Jean Santeuil): o riso é a melhor arma contra todas as imposturas. (Pasquim, 2006, p 9-10).

Nesse contexto, é importante levar em conta a questão da censura, que passa a ser aplicada de forma prévia pelo governo a partir de 1970, após uma polêmica entrevista em que Tarso de Castro e Sérgio Cabral conversaram com a atriz Leila Diniz na edição número 22 de 20 a 26 de novembro de 1969, ocasião que ficou famosa pelos diversos palavrões utilizados pela atriz e o modo como falava abertamente de tabus como sexo e machismo. Com isso, dois meses após a entrevista, Médici publica o Decreto-lei 1.077 que ficou popularmente conhecido como “Decreto Leila Diniz”, que dava o direito da interferência e possível censura do material antes de sua publicação por parte das forças do exército.

Figura 1 – Capa da edição 22 de *O Pasquim*



Fonte: **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 22, dez. 1969. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124745&pagfis=145>

Com isso os jornalistas passam a buscar maneiras de burlar ou melhor “driblar”, a censura e criticar o governo. Uma dessas formas foi encontrada nas charges, inserindo um discurso político através do humor:

Como destaca Gutemberg (2010, s/p), o formato nasce a partir da notícia: “na construção de charge o noticiário diário é fonte inspiradora para o chargista. Dessa fonte a charge leva a uma construção social da realidade”. Portanto, apesar de seus recursos lúdicos e de uma abordagem envolta de humor, a charge constitui um poderoso gênero de opinião e a opinião um poderoso instrumento de luta política e ideológica. (Schryver Kurtz, Adriana; Sparremberger, Vinícios, 2017).

O discurso, nesse sentido, deve ser analisado juntamente com o contexto sócio-histórico, buscando um embasamento teórico-metodológico de análise levando em conta a materialidade do período, como explica Pazinato:

O discurso, de acordo com Gadet e Pêcheux (2004), tomado na sua própria ordem, realizando-se na língua, na ordem do enunciável, movimentada nas fronteiras, os espaços discursivos. Considerando que o estudo da língua é ideológico e uma questão do funcionamento do político (divisão social dos sentidos), O Pasquim ocupa um lugar de resistência transgredindo os sentidos impostos pelo Estado. (Pazinato, 2021, p. 70)

Nesse sentido, entender o discurso como elemento subjetivo e repleto de ideologia é importante para compreender o cenário no qual o jornal se encontrava, onde a formação discursiva, o que Foucault definiu como “um conjunto de enunciados a partir de determinadas regularidades que definem as condições de funcionamento, de existência, desaparecimento e transformação de certos enunciados discursivos” (Foucault, 2009, p. 43), do jornal era estabelecida.

Desta forma, a formação discursiva é justamente uma análise das regularidades presentes em determinado discurso e que se relacionam ao que Foucault encara como as quatro hipóteses para o entendimento das relações discursivas, sendo elas: objetos, tipos de enunciados, conceitos e estratégias, como explicado por Giacomani & Vargas (2010, p. 125):

Uma determinada formação discursiva transita sob os mais variados campos e níveis, visando constituir seu objeto específico. Desta forma, o objetivo subsequente da análise foucaultiana é desvendar o funcionamento das regras de formação de cada formação discursiva em particular, buscando a regularidade em meio a dispersão. E estas regras passam pela descrição dos quatro níveis de constituição discursiva.

A formação discursiva, então, se baseia em uma complexa cadeia de relações que constituem o discurso perante certo objeto histórico e todo seu contexto:

Os objetos devem ser definidos sob diversos aspectos. Primeiramente, são históricos, não se podendo dizer qualquer coisa em qualquer época. Estes objetos não preexistem a eles mesmos, só surgindo sob “as condições positivas de um feixe complexo de relações.” (FOUCAULT, 2009, p. 50). [...] Estas relações, em movimento, caracterizam o próprio discurso enquanto prática. (Idem, p. 125)

Dialogando com Foucault, mesmo que exista uma discordância teórica e epistemológica, como por exemplo no uso da noção de ideologia no sistema de dispersão que engloba a formação discursiva, que Foucault recusa ao dizer que essa terminologia estaria carregada de “condições e consequências” (Foucault, 2009, p. 43), Pêcheux argumenta sobre a importância do contexto histórico e do fator ideológico dentro do discurso:

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido em referência a essas posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas (no sentido definido mais acima) nas quais essas posições se inscrevem. (Pêcheux, 1995, p. 160)

Entendendo esse caráter narrativo, a análise de veículos de comunicação deve levar em conta o discurso presente nessa fonte, estabelecendo e contextualizando o que a mesma nos apresenta dentro de seu determinado contexto histórico e social, como argumenta Ernesto Marczal (2011, p. 46):

Ao tomar os veículos de comunicação como fontes de análise privilegiadas cabem algumas considerações: a cobertura da imprensa não constitui um simples relato, neutro e imparcial diante dos fatos apurados; o discurso jornalístico configura uma construção narrativa multifacetada e complexa, modelada tanto pelas impressões e valores de seus autores quanto pelo espaço e condições de sua produção. Neste sentido, encontram-se agrupadas relações entre o contexto político social no qual se insere e as especificidades – inclusive de ordem técnica – de seu local de fabricação e divulgação.

Ao contrário do discurso presente nos jornais tradicionais, dominado pelo governo, *O Pasquim* estabeleceria, assim, seu viés discursivo, na antítese à ideologia dominante representada pelo Estado.

O uso do humor como forma de subversão e crítica também é um fator discursivo importante, como explica Carrieri (2004), pois por meio do humor, “os atores sociais analisados, principalmente os que compõem o chão-de-fábrica, buscariam subverter as estruturas de dominação organizacional.”.

Carrieri afirma que o uso de charges se mostra uma importante ferramenta para a formação discursiva:

O uso das charges como forma criativa de expressão pode ser considerado uma estratégia de resistência. As charges criam mini-narrativas estabelecidas com base em conhecimentos particulares que podem ser de cunho cultural, histórico, social, técnico, burocrático. Assim, nessa forma de humor estariam as ações que possibilitariam aos indivíduos tentarem criar sua própria subjetividade, sua singularidade e manterem uma identidade própria. (Carrieri, 2004, P. 33)

A censura imposta pelos militares influenciava diretamente a forma como o jornal se expressava, assim, não apenas o que é dito diretamente deve ser analisado, mas também, e até com mais atenção, o não-dito, o discurso escondido na criação imagética, o discurso subjetivo e metafórico levando em conta as diversas maneiras de não dizer, como escreve Foucault:

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apóiam e atravessam os discursos. (Foucault, 1976, p. 29)

Com isso em mente, para que se possa analisar o periódico como fonte de pesquisa, é preciso estabelecer uma análise de conteúdo baseada em uma estrutura de interpretação que reconhece todo o contexto presente na construção de tal discurso. A análise de discurso é definida por Laurence Bardin (1977, p. 9) como:

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a «discursos» (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O factor comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas - desde o cálculo de frequências que fornece dados

cifrados, até à extracção de estruturas traduzíveis em modelos- é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objectividade e da fecundidade da subjectividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atracção pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem.

Não apenas o que era dito pelo periódico, mas também a forma como aquilo era comunicado no jornal moldava sua formação discursiva, fortemente baseada em uma estrutura não muito bem definida, onde os autores tinham total liberdade em relação a temas e a forma como esses textos eram escritos:

Integrando o aspecto da personalidade, outra especificidade do hebdomadário é manifestação da oralidade, explorada diferentemente por cada autor. A influencia do verbal-falado ocorre de modo diversificado, na busca de uma maior expressividade e eficácia comunicativa. Não consistia simplesmente em uma forma de transcrição direta da fala, mas a “recusa de uma escritura carregada de chavões, de rigidez na construção”. (Marczal, 2011, p. 99).

Sobre essa escolha de construção linguística que foge das normas formais do português, Queiroz (2004, p. 238-239) comenta:

A transformação da linguagem jornalística promovida pelo Pasquim pode ser percebida diante de dois aspectos: diretamente na escrita dos seus colaboradores; e tematicamente, através de artigos críticos e de um trabalho humorístico de investida contra chavões. Dessa forma, esta oralidade conduziu a um trabalho direto sobre a palavra. À guisa de conhecimento é importante dizer que o jornal cria expressões como: negó seguinte; propõe terminações em “im” substituindo o “inho” como: Fradim, baixim; inventa palavras, como: duca e sifo, entre outras expressões. As páginas do Pasquim estavam recheadas desta oralidade, em todos os sentidos, seja nos artigos, seja nos desenhos, e até mesmo na publicidade.

As relações de dependência entre o discurso e a linguagem que o expressa é explicada por Bardin quando diz que:

[...] as condições de produção de um discurso e o sistema linguístico utilizado são os componentes desta estrutura profunda e desta matriz que tentaremos descobrir por detrás das variações de superfície. Com efeito, as condições de produção funcionam como um princípio de selecção-valorização sobre os elementos da língua. A partir destes elementos, elas constituem os domínios semânticos e as dependências entre estes domínios que representam a matriz do discurso analisado. Estes domínios semânticos correspondem ao sistema

de ligações semânticas. Um dos fins da análise será portanto o de descobrir estes domínios e as suas relações através de uma análise ao mesmo tempo semântica, sintáctico e lógica. (Bardin, 1977, p. 215-216)

O uso do futebol na produção discursiva de *O Pasquim* não aparece com muita força nas primeiras edições. Existiam matérias sobre futebol em certas ocasiões, como a de Chico Buarque na primeira edição, na edição 24 que noticiava a contratação do goleiro Ado ao Corinthians e a edição 30 que contava com uma reportagem de Jairzinho no Botafogo. A primeira vez que a Copa do Mundo foi abordada no jornal foi em uma série de propagandas para os postos Shell em decorrência de uma campanha publicitária que buscava ajudar financeiramente a campanha da Seleção Brasileira na Copa do Mundo, como explica Marczal:

Enquanto Saldanha e a Comissão Técnica iniciavam os preparativos para 1970 e enfrentavam as dúvidas e problemas sobre a escalação da equipe, a CBD buscava novos investimentos e fontes de receita para sustentar os custos da campanha do selecionado para a Copa. Como iniciativa para arrecadar recursos, foi organizado o Comitê de Ajuda a Seleção que visava angariar fundos através de parcerias comerciais com empresas privadas, permitindo a implementação de ações publicitárias conjuntas com a CBD e a Seleção. (Marczal, 2011, p. 136)

Em matéria vinculada a revista *O Cruzeiro*, o envolvimento dos postos Shell é apresentada:

Desta vez a Seleção brasileira não precisará recorrer ao Governo para resolver seus problemas de dinheiro. Daqui até a Copa do Mundo, todos os seus gastos serão literalmente cobertos com a venda de símbolos que lhe deram – Pra frente com as feras –, uma idéia de Aluísio Magalhães de Programação visual, Adotado pela Shell Brasil S.A (Petróleo) e aprovado oficialmente pela CBD [...].Essa doação já esta avaliada em cerca de 2 bilhões de cruzeiros velhos, decorrentes de uma campanha que culminará com a venda de plásticos decorativos, autografados pelos jogadores e pela Comissão técnica da equipe nacional. (Silva, 1969, p. 40)

A venda de adesivos comemorativos com o slogan “pra frente com as feras”, em alusão ao nome dado a seleção treinada por João Saldanha, passa a ser divulgada em *O Pasquim* a partir da edição 17 em charges feitas por Henfil protagonizadas pelo personagem “Simú”, criado por Jaguar.

Figura 2 - Simú

SIMÚ

Entra em campo Simú,
O bom de bola,
Um dos 90 milhões
de feras do Saldanha
que vão reconquistar
o caneco no México!



Simú penetra pelo miolo,
Dribla o primeiro,
Dribla o segundo,
Dribla o terceiro.



Simú de calcanhar
para Pelé,
Pelé para Tostão,
Tostão novamente
para Simú.



Simú atrai seu marcador.
Cisca di'ante dele.
É a malícia, meus amigos,
é o champinhon
que só o brasileiro tem!



Sensacional
lençol de Simú.
Atenção,
Vai marcar!



Simú
estufa as rédeas.
É gol do Brasil.
Goooooool!!!



Essa não!
O juiz apitou
impedimento!



Passa num Posto-Shell
e ajuda as feras
a trazer a Copa.



Fonte: **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 7, out. 1969. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124745&pagfis=297>

Vale ressaltar que a forma como *O Pasquim* abordava o futebol, se diferenciava dos grandes veículos de mídia que buscavam uma abordagem jornalística sobre o tema, pois *O Pasquim* falava do futebol através do ponto de vista de torcedores comuns que amam o esporte e não de especialistas no assunto que trariam discussões embasadas sobre o tópico:

A postura d'O Pasquim enquanto publicação voltada primordialmente para o humor confere uma leitura diferente sobre o cenário político e social do período, o que também reflete no tratamento direcionado a uma temática popularizada como o futebol. Diferentemente das outras publicações investigadas, as representações articuladas sobre o futebol n'O Pasquim enfocam a relação com a população. O futebol é retratado como manifestação passional, expressão singular no espaço social brasileiro. Mesmo quando abordado de forma crítica ou satírica, o futebol é retratado como fenômeno socialmente significativo e relevante. (Marczal, 2011, p. 102)

Após a demissão de João Saldanha, técnico da Seleção Brasileira durante as eliminatórias para a Copa do Mundo em 1969 e figura polêmica por suas declarações e seu envolvimento com o Partido Comunista Brasileiro, Pedro Ferreti escreveu na edição 39, em uma seção intitulada “as dicas”: “entreouvistos na tribuna da imprensa do Maracanã: Esse João Saldanha é o Jânio Quadros do futebol brasileiro”.

Figura 3 – De novo? Esse João Saldanha é o Jânio Quadros do futebol brasileiro



Fonte: **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 39, p. 30, mar. 1970. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124745&pagfis=697>

A troca de Saldanha pelo técnico Mário Zagallo desagradou muito os integrantes do Pasquim, que fizeram duras críticas no semanário. Sérgio Cabral, por exemplo, criticou a convocação de Roberto, atacante do Botafogo no lugar de Tostão: “Gosto tanto do futebol do atacante Roberto que gostaria muito de vê-lo jogando no Vasco da Gama. Mas daí a colocá-lo no lugar de Tostão, essa não, Zagalo. Tostão é um supercraque e Roberto é um bom atacante, esta é a diferença entre eles.”

Figura 4 – Roberto x Tostão

PSST!

as dicas

• **ROBERTO
x TOSTÃO**



Gosto tanto do futebol do atacante Roberto que gostaria muito de vê-lo jogando no Vasco da Gama. Mas daí a colocá-lo no lugar de Tostão, essa não, Zagalo. Tostão é um supercraque e Roberto é um bom atacante, esta é a diferença entre eles.

Zagalo pode dizer que precisa de um atacante de choque, mas isso é uma tremenda bobagem. Roberto, por acaso, vai vencer no choque aqueles becões europeus? De jeito nenhum. A cintura de Roberto tem medidas menores do que as coxas dos zagueiros alemães.

Então, o negócio é vencer na habilidade, virtude que é de Tostão, Pelé e de uns dois ou três outros. Afinal Tostão foi artilheiro na fase eliminatória da Copa do Mundo, exatamente pela grande categoria que tem. Só se justifica a sua ausência do time principal da seleção brasileira se tiver com algum problema de ordem médica. Nunca em nome da técnica, da tática, do esquema ou seja lá de que for.

Se Zagalo mantiver Roberto e retirar Tostão, começarei a suspeitar de que está terrivelmente atacado de uma botafogueite incurável. — (Sérgio Cabral)

• **SIONISMO
NA URSS**



Algumas pessoas me consideram inimigo profissional da União Soviética. Ainda não me chamam, que

Fonte: **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 31, abr. 1970. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124745&pagfis=803>.

Outras críticas pontuais podem ser vistas, como a de Sérgio Cabral sobre a saída de João Saldanha e a de Pedro Ferreti sobre como a Copa do Mundo cegava o povo para problemas sociais mais importantes, intitulada “Para a Bola”, as duas na edição 42 do jornal:

Figura 5 – Para a bola



Fonte: **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 42, p. 30, abr. 1970. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124745&pagfis=809>.

Olhem aqui, esse negócio de seleção já não está enchendo não? Por mim, já não aguento mais[...] afinal o jogo são 22 caras correndo atrás de uma bola. Conheço algumas coisas mais difíceis, mais importantes para o País e que, se vencidas, nos dariam algo mais do que uma taça e uma válvula de escape para uma massa popular mantida na mais absoluta ignorância das causas de miséria e atraso. (O Pasquim 42 de 10 a 17/04/70, p. 30)

Uma edição especial, nesse contexto, é a edição 45 de 03 a 10 de maio de 1970, que contava com uma charge de Ziraldo criticando como os chamados “cartolas” do futebol exerciam uma relação de poder na mídia, e também enaltecia o momento em que uma bandeira brasileira aparece por um instante na transmissão.

Figura 6 – FlaFlu pela TV



Fonte: **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 45, p. 10-11, mai. 1970. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124745&pagfis=923>.

Além da charge, o destaque da edição era uma entrevista com o atacante Tostão, que havia retomado seu lugar na seleção mesmo estando em processo de recuperação de uma lesão. Detalhe que antes da entrevista, João Saldanha 3 meses após sua demissão da seleção, introduzia o jogador o definindo como um “gênio”. Saldanha também comentava sobre a polêmica decisão de Zagalo em não manter Pelé e Tostão no time titular da Seleção:

Pelé ou Tostão?

Não aceito o dilema que estão querendo colocar: Pelé ou Tostão. Por que não aproveitar os dois na Seleção Brasileira? Na verdade, durante a fase eliminatória, tentei utilizar Tostão na ponta esquerda, dentro de um plano que não foi possível executar porque o estado atlético de alguns jogadores não permitia. Então coloquei Tostão de ponta-de-lança, ao lado de Pelé. O resultado todos viram: Tostão acabou artilheiro da fase eliminatória com atuações verdadeiramente espetaculares. (O Pasquim 45 de 03 a 10/05/70, p. 12-13)

Uma caricatura de Tostão feita por Fortuna estampava a capa da edição. Também vale notar que no rodapé da edição se lê “o pasquim – Um jornal de oposição ao governo grego”, país que também passava por uma ditadura militar desde 1967).

Figura 7 – Capa da edição 45 do jornal *O Pasquim*



Fonte: **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 45, mai. 1970. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124745&pagfis=923>.

O próprio Tostão comentaria sua visão em relação à polêmica formação titular de Zagalo, onde ele e Pelé não jogariam juntos:

TARSO - Eu acho que os jogadores que jogaram nas eliminatórias são os melhores jogadores nas posições. O Jair, eu, Pelé e Edu. Eu acredito que o Zagalo também ache isso, mas êle quer um esquema de jogo diferente. Êle quer que o Brasil jogue mais na defesa e jogue de contragolpe.

Mesmo que a entrevista tenha foco no futebol, perguntas sobre política são feitas durante a mesma, como no seguinte diálogo entre Tarso de Castro e o jogador:

TARSO – Você é um ídolo nacional. Você acha que um ídolo tem necessidade de participação política, já que êle empolga uma multidão toda [...] política no bom sentido, não essa besteira de UDN, política de participação na luta geral do homem, de liberdade, etc.

TOSTÃO – A pior coisa do ídolo é querer ser o que o povo é [...] acho que a pessoa que é ouvida tem medo de dizer as suas idéias porque se êle der uma idéia diferente vai de encontro ao povo e isso vai diminuí-lo.

Tarso – E você tem medo de dizer as suas idéias?

TOSTÃO – Às vezes tenho realmente. Todo mundo, todo ser tem as suas ideias e convicções próprias e as vezes o ídolo não pode dizer porque vai de encontro ao povo. [...] Êle precisa conservar sempre a imagem do ídolo popular.

TARSO – Eu, por exemplo, morro de mêdo de dizer que sou democrata, você entende? Se você tivesse que se definir politicamente, você acha que o homem tem o direito de dizer o que quer, defender o pensamento que êle acredita que seja certo em qualquer situação?

TOSTÃO – Eu acho que sim, mas infelizmente ainda não podemos agora dizer o que queremos porque estamos privados de muita coisa. Eu acho que isso é um direito de todo o homem, está escrito na constituição, isso é lei. Mas infelizmente...

TARSO – Escrito onde?

TOSTÃO – Quer dizer, na declaração dos Direitos do Homem, As vezes a gente tem que ficar sujeitos a coisas que vêm de cima, então a gente não pode dizer o que quer, o que pretende. O certo seria que todo mundo tivesse as suas idéias, falasse as suas idéias e mostrasse o que pensa, o que pensa, o que acha, e não a gente ficar numa coisa só e ficar sujeito a aceitar isso e não poder dizer mais nada, eu acho isso errado.

A confusão na fala de Tostão quando fala sobre a constituição e a pergunta de Tarso sobre onde estaria escrito os supostos direitos do homem de pensar e expressar suas ideias pode ser uma referência as alterações constitucionais feitas pelo regime. Tarso, em seguida, em uma clara alegoria sobre a ditadura e a seleção, pergunta:

Tarso – É claro que eu vou falar em teoria porque nós estamos muito longe disso, mas por exemplo, se o Governo grego, onde existe uma ditadura terrível, você acha que um governo como a Grécia merece o campeonato do mundo? Mesmo que a Grécia tivesse os melhores jogadores do mundo, você acha que merecia?

Tostão – Eu acho que não tem nada uma coisa com outra. O que importa é que ela tenha jogadores bons e se tiver merece.

Em uma alusão sobre o ambiente restritivo em que a sociedade brasileira se encontrava, fazendo uma metáfora com a realidade de um jogador de futebol da Seleção Brasileira, que estava sendo rodeada pelas intervenções governamentais em sua estrutura, a jornalista Martha Alencar pergunta:

MARTHA – Vocês vivem num regime de disciplina muito forte. Esse regime se estende também no campo do comportamento de vocês, ao campo das idéias principalmente como jogador da Seleção?

TOSTÃO – Existe também. Eu acho que as vezes a gente é privado de dizer muita coisa que quer dizer. Isso a gente não pode negar, mas no meio do futebol isso acontece muito menos. A gente tem liberdade, principalmente entre os jogadores, de dizer o que pensa e o que quer.

Tostão também dizia ficar triste pela guerra que ocorria no Vietnã, repreendendo os interesses americanos e ainda fala sobre sua opinião sobre igrejas:

TOSTÃO – A igreja foi feita para ir ao encontro do povo e não para o padre ficar dizendo: nós temos de nos conformar em ser pobres.

[...]

TOSTÃO - Eu acho que uma guerra realmente suja. Eu acho que ninguém é a favor da guerra do Vietnã, é uma guerra mais econômica. A América do Norte precisa manter sempre sua produção de aço em atividade, com isso eles estão lucrando. Eu acho que é mais uma guerra econômica do que uma guerra de ideais.

Em entrevista cedida ao Lance em 2020, Tostão comentou sobre a histórica entrevista:

Foi o auge da Ditadura, né?! Era impressionante o quanto "O Pasquim" continuava a ser um jornal presente, com seu estilo crítico e bem-humorado. Foi um importante porta-voz de oposição ao regime da época (*o Brasil, presidido por Emílio Garrastazu Médici, passava pelos "anos de chumbo", marcado por uma forte repressão, censura e torturas*). Gostei muito de fazer e lembro que o João Saldanha me parabenizou pela entrevista. Eu não fiz nenhuma crítica mais forte ou direta ao regime. Inclusive, não houve nenhuma repercussão em torno dela ao menos no dia a dia da Seleção. Entre os jogadores, não procurávamos falar abertamente sobre o que acontecia. Estávamos voltados para a preparação e para o Mundial. (Faustini, 2020)

Logo após a entrevista com o jogador, uma charge de Jaguar reforçava ainda mais as críticas em relação ao técnico Zagalo.

Figura 8 - Boris



Fonte: **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 45, p. 17, mai. 1970. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124745&pagfis=923>

Na edição 46, de 07 a 13/05/1970, às vésperas da Copa do Mundo que começaria no dia 31/05, Tarso de Castro critica fortemente Zagalo e a falta de uma escalação completamente definitiva para o mundial:

Na “Última Hora” do México, Ademir Menezes revela que Zagalo, essa figura triste de técnico da seleção, desdisse o que disse por aqui. Isto é, a seleção está formada, mas não está. O que quer dizer que Tostão joga ao lado de Pelé, mas não joga. Trocado em miúdos, isto poderia querer dizer uma coisa mais ou menos certo. É possível, bastante provável, que o Brasil chegue a tentar se classificar.

Esse Zagalo, se não fosse um chato, seria folclórico. Incompetência ele têm de sobra. (O Pasquim 46 de 07 a 13/05/70, p. 30)

Na edição seguinte, a 47 de 14 a 20/05/1970, Hélio Fernandes escreve um longo texto, ocupando duas páginas inteiras, intitulado “Antes da Copa, a disputa é entre Tostão e Lobo Zagalo”, colocando-se novamente em dúvida a capacidade do treinador:

[...] A mais inacreditável de todas as besteiras já ditas por qualquer técnico de futebol, em qualquer tempo, em qualquer época e em qualquer país, foi indiscutivelmente a do senhor Zagalo Lôbo: Pelé e Tostão não são goleadores, não podem jogar juntos. Como a CBD não tomou a providência de demitir imediatamente o senhor Zagalo Lôbo por incompetência, e como só agora, contrafeito, êle faz a experiência de botar, circunstancialmente os dois grandes jogadores juntos, é preciso mobilizar a opinião pública para que Pelé, Tostão e Rivelino joguem juntos, pois só assim o Brasil terá alguma chance de fazer boa figura. [...] (O Pasquim 47 de 14 a 20/05/70, p. 18-19)

Durante o período anterior a Copa, podemos notar críticas que englobam tanto as implicações políticas referentes às intervenções feitas na CBD e no comando da Seleção Brasileira como críticas puramente desportivas, sem nenhuma menção política, como essa de Hélio Fernandes, que era acompanhada de uma charge de Henfil, essa, sim, com alguma conotação política, que ironizava dizendo: “que adianta o povo querer Tostão se a escalação é indireta?”.

Figura 9 – Antes da Copa, a disputa é entre Tostão e Lobo Zagalo



Fonte: **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 47, p. 18-19, mai. 1970. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124745&pagfis=923>.

A charge, além de criticar Zagalo, traçava um paralelo com o processo de eleições indiretas no país onde, poucos meses após essa publicação passaria pela escolha dos governadores estaduais pelo presidente Médici. Dessa forma, assim como na política, a escalação da seleção não dependia do desejo da população.

Com a chegada da Copa do Mundo do México de 1970 vemos uma notável diferença nas abordagens sobre a seleção brasileira, fazendo parecer que a euforia da Copa parecia ter chegado à linha editorial do jornal. Na edição 48 de 21 a 27 de maio, uma semana antes da Copa do Mundo, a sessão de dicas anuncia a ida de um representante de *O Pasquim* para o México, o árbitro Armando Marques.

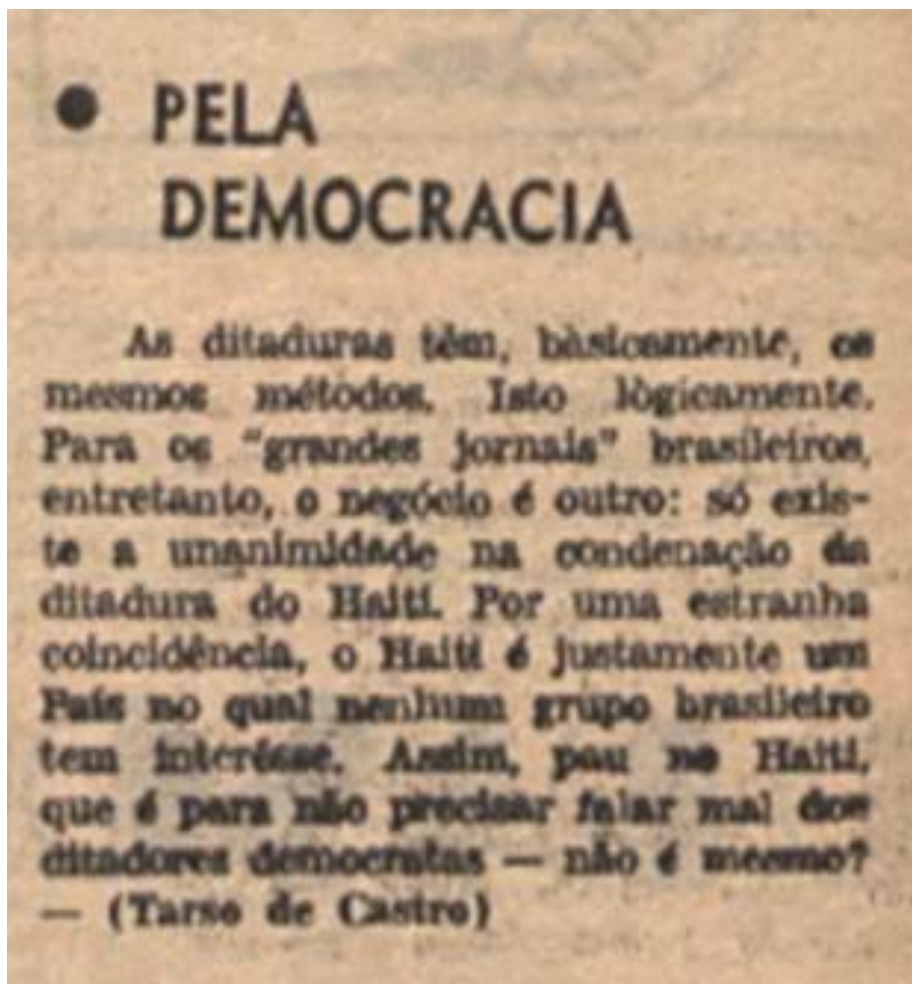
Figura 10 – Eu dou pra comentarista?



Fonte: **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 48, p. 29, mai. 1970. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124745&pagfis=1031>.

Vale relatar que também na sessão de dicas, Tarso de Castro critica a ditadura de forma bem direta, dizendo que é fácil criticar outras ditaduras (no caso a do Haiti que comandava o país desde 1958) sem reconhecer a que acontecia debaixo do próprio nariz do brasileiro.

Figura 11 – Pela democracia



Fonte: **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 47, p. 31, mai. 1970. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124745&pagfis=1031>,

As ditaduras têm, basicamente os mesmos métodos. Isto logicamente. Para os “grandes jornais” brasileiros, entretanto, o negócio é outro: só existe a unanimidade na condenação do Haiti. Por uma estranha coincidência, o Haiti é justamente um País no qual nenhum grupo brasileiro tem interesse. Assim, pau no Haiti, que é para não precisar falar mal dos ditadores democratas – não é mesmo? (O Pasquim 48 de 21 a 27/05/70, p. 31)

A edição ainda contava com uma charge de Henfil, criticando mais uma vez as escolhas de Zagalo em relação a escalação da Seleção nos jogos que antecederam a Copa do Mundo.

Figura 12 – O povo quer



Fonte: **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 47, p. 4-5, mai. 1970. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124745&pagfis=1035>.

A charge evidência a principal crítica que existia em relação a Seleção Brasileira e ao trabalho de Zagalo. A escolha do treinador em não manter um time titular que jogasse todos os jogos realizados em preparação à Copa, o baixo rendimento em parte desses jogos, a persistência em não escalar Tostão como titular e o foco no esquema defensivo em detrimento do ataque eram os principais pontos abordados não só pelo *O Pasquim* mas como na maior parte da mídia especializada. (Marczal, 2011)

A partir disso, toda edição passaria a contar com uma sessão sobre a Copa do Mundo escrita por Armando Marques, e a linha editorial demonstra claramente uma mudança de tom em relação à seleção brasileira, outrora tão criticada pelas interferências estatais. Os jornalistas de *O Pasquim*, apaixonados por futebol, naturalmente não conseguiram conter a emoção, escancarando um dos maiores dilemas da oposição na época da Copa do Mundo de 1970.

CAPÍTULO 3– FUTEBOL COMO ÓPIO DO POVO: O PASQUIM E O DILEMA DA OPOSIÇÃO

Era 21 de junho de 1970, 107 mil pessoas acompanhavam diretamente do Estádio Azteca, na Cidade do México, a tão aguardada final da Copa do Mundo protagonizada por duas seleções bicampeãs do mundo, a Itália que já havia levantado a taça em 1934 e 1938 e o Brasil, que vencera as edições de 1958 e 1962. O mundo esperava atentamente descobrir quem seria a primeira seleção tricampeã mundial, título que resultaria na posse definitiva da taça Jules Rimet, prometida pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) à primeira equipe a conquistá-la três vezes.

Enquanto isso, distante da capital mexicana, a população brasileira se encontrava grudada aos aparelhos de rádio e aos televisores que pela primeira vez, através de uma cadeia de transmissão que unia os canais Tupi, Rede Globo, Record e Bandeirantes (BBC, 2020),² transmitiam os jogos da seleção ao vivo, levando a final para a casa de milhões de brasileiros.

Aos 41 minutos do segundo tempo, Clodoaldo dribla quatro italianos no campo de defesa, para o delírio do narrador Fernando Solera que diz: "Olha aí o show! É dessa maneira que se ganha a Copa". Clodoaldo toca para Rivelino, que aciona Jairzinho, que por sua vez, entrega a bola para Pelé. De costas para o gol e de frente para o Rei, Tostão estendeu o braço esquerdo apontando para a chegada de Carlos Alberto, que soltou uma bomba: "O melhor futebol do mundo no barbante deles! Acabou a Copa", decretou Solera ao som da famosa marchinha "pra frente Brasil".

Assim, se a empolgação era geral nos lares brasileiros, também se é possível apontar para os dilemas que tal alegria e euforia implicavam:

RIBA
(Vibra.) Gol!

TÂNIA
Gol de quem?

RIBA
Do Brasil! Carlos Alberto. E é o quarto! Quatro a um Brasil!

² Na época, após diversas negociações, a transmissão da Copa do Mundo de 1970 foi realizada através de uma cadeia de transmissão que reunia os canais Tupi, Record, Bandeirantes e Rede Globo. Contudo, como só havia um sinal de áudio disponível, todas as emissoras transmitiram em conjunto onde os narradores e comentaristas intercalavam na narração dos jogos.

CARLÃO
(Irritado.) Desliga essa merda!

A gente sequestra o Embaixador americano, faz o mundo inteiro se voltar para essa bosta de país, e o país, 90 milhões de pessoas grudadas nos rádios e nas televisões, acompanhando o futebol. Porra, será que esse povo merece o que tamos fazendo por ele? Tou arriscando a minha vida por um povo alienado, que só pensa em futebol. Puta que pariu!

TÂNIA
O povo não tem culpa.

RIBA
E não tem nada uma coisa com a outra. Eu não sou alienado e gosto de futebol. Sei que os milicos vão capitalizar essa vitória, mas não consigo deixar de vibrar.

CARLÃO
Porque você é um pequeno-burguês de merda.

O trecho retirado da peça *Campeões do Mundo*, de Dias Gomes, publicada em 1979, narra a história de um grupo de opositores que sequestram, às vésperas da final da Copa do Mundo, um embaixador americano como forma de exigir a liberação de presos políticos.

A peça tem como foco discutir de que forma o futebol simbolizou um grande dilema na oposição à Ditadura Militar. Nessa discussão, acima apresentada, membros desse grupo de militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), na época atuando exclusivamente de forma clandestina, debatem sobre o direito ou não da oposição em torcer para a seleção brasileira. Tal debate, não se limitou à ficção e foi um importante dilema na esquerda brasileira na época do regime.

Nesse contexto, Juca Kfourir, jornalista esportivo que na época da Copa do Mundo de 1970 trabalhava na editora Abril e que chegou a ser preso em 1971 por conta de livros considerados “subversivos” terem sido encontrados em seu apartamento, relata que:

[Ver] a Copa do Mundo era se alienar, torcer pelo Brasil era reforçar a ditadura, e eu tinha uma luta enorme entre os meus colegas e de meus amigos, para mostrar que não, que a ditadura não era dona do futebol, que a ditadura não podia ser dona de nossos sentimento, que eu continuava me emocionando com o hino nacional, pois o hino nacional não era da ditadura, o hino nacional era do Brasil e que a gente não podia permitir que a ditadura nos roubasse até isso. (Bate Bola Memória FC, 2023)

Tal dilema, vale ressaltar, não se limita ao período da Ditadura Militar e está presente em um longo debate teórico sobre o papel do futebol na sociedade e suas relações econômicas e culturais, como argumenta o antropólogo Roberto DaMatta:

No caso do futebol e no caso da sociedade brasileira, postula-se frequentemente uma relação de mistificação entre os dois termos. O futebol é um ópio da sociedade brasileira, do mesmo modo que o domínio do econômico é sua base. Como se futebol e economia fossem realidades exógenas, que pudessem existir em isolamento da sociedade. Deste ângulo, o futebol é visto como um modo de desviar a atenção do povo brasileiro de outros problemas mais básicos. (Damatta, 1982, p. 12-13)

O autor defende que o equívoco de encarar o futebol como uma forma de desviar a atenção do povo dos assuntos realmente importantes, pressupõe a separação do esporte em relação à sociedade, criando uma falsa dicotomia entre esses dois conceitos.

Além disso, para Jocimar Daolio, a concepção do futebol como “ópio do povo”, seria uma forma de desvalorizar a importância do futebol para a sociedade, diminuindo o esporte a algo desprovido de valor, algo que o autor vê como uma “visão utilitarista da sociologia”, evidenciando que esse debate não se resume ao campo historiográfico:

Essa visão foi difundida por alguns militantes de esquerda, com algum sucesso na época da campanha da seleção brasileira de futebol em busca do tricampeonato mundial no México, em 1970. Como todos se lembram, o Brasil passava na época por um período de ditadura, repressão e censura; e consideravam algumas facções políticas, com alguma razão, que uma vitória brasileira seria utilizada pelos militares para divulgar o sistema político vigente, ocultando da grande massa os reais problemas existentes no país. Este fato pode, em alguma medida, ter acontecido, mas não é possível concluir daí que o “futebol é o ópio do povo”. Damatta et al. (1982) advertem que esse ponto de vista contribui para a compreensão do futebol como desvinculado da sociedade, ou seja, futebol e sociedade encontrar-se-iam em oposição, como se o primeiro fosse prejudicial ao segundo (Daolio, 2003, p. 158).

Daolio também reitera que o futebol é uma representação da sociedade brasileira como um todo, não podendo ser definido por um conceito homogêneo:

Com todas as contradições possíveis, o futebol brasileiro é uma forma de cidadania. Nesse sentido, ele não é bom nem mau, certo ou errado, expressão generosa do povo brasileiro ou seu ópio. Constitui-se numa forma do homem brasileiro expressar-se. É, portanto, dinâmico, por refletir a própria sociedade brasileira. (Daolio, 2000, p. 36).

Outros autores, como Reis e Escher (2006, p. 29), ainda dizem que tal visão do esporte, sendo um mero reprodutor do sistema capitalista, significaria dizer que ele atende, exclusivamente, aos interesses da classe dominante, retirando do esporte todo seu caráter popular e identitário.

Mesmo com essas críticas em relação a essa visão do futebol -- como forma de distrair o povo dos problemas sociais vigentes na sociedade, temos exemplos na história de como isso aconteceu, o que não quer dizer, por outro lado, que esse é o único uso possível do esporte, como aborda Juca Kfourri:

Foi num campo de futebol que se abriu, pela primeira vez, na História, uma faixa pela anistia aos presos políticos brasileiros; foi no Morumbi, com cem mil pessoas, num jogo entre Corinthians e Santos. E por que, num campo de futebol com cem mil pessoas? Porque não dava para a polícia chegar lá em cima, e prender todo mundo; quando a polícia chegou, a faixa já havia desaparecido. Foi num campo de futebol, no Estádio Nacional de Santiago, na primeira partida depois que o estádio foi liberado, após servir de prisão por dois anos e meio, no Estádio onde morreram patriotas chilenos e brasileiros, que houve um apagão, a primeira manifestação por liberdade, durante a ditadura Pinochet. Quando as pessoas se deram conta, estava tudo apagado, e começou um canto: “libertad, libertad, libertad”. Havia sessenta mil pessoas no jogo entre o Universidad Católica e o Colo Colo, e seria impossível colocar sessenta mil pessoas dentro de camburões (Kfourri, 2000, p. 61-62).

Esse dilema fica claro quando analisamos a diferença nas abordagens do jornal antes e durante a Copa do Mundo de 1970, sendo que no período anterior o jornal apresentava diversas críticas -- tanto com viés político como nos textos de Pedro Ferreti e na entrevista dos jornalistas do jornal *O Pasquim* com o jogador Tostão, como em críticas apenas no caráter desportivo, como a de Hélio Fernandes ao técnico Zagalo e suas escolhas referentes a escalação da Seleção Brasileira -- no período em que ocorria a Copa do Mundo, em junho de 1970, a linha editorial seria bem mais otimista e positiva em relação à seleção brasileira e ao técnico Zagalo, principalmente a partir dos resultados positivos nos jogos.

O ânimo em relação à seleção, porém, não é imediato, como vemos na edição 50 de 04 a 10/06/70, quando Armando Marques escreve uma reportagem sobre a opinião da redação do jornal, intitulada “Vai começar o jogo.”:

Passo na redação para um adeus na turma. [...] bem, na redação, peço que me dêem suas opiniões sobre a copa, nosso time e etc. Lá vai:
Sergio Cabral – Se a seleção ganhar a copa, os méritos serão apenas dos jogadores, porque Zagalo se revelou um incompetente quando foi obrigado

à escalar uma equipe diferente da do Botafogo. O Zagalo ainda se preocupa com problemas de 4-2-4 e 4-3-3, numa época em que esses sistemas não tem mais importância. Aliás, estou falando demais, por que a seleção não me preocupa. O que me interessa é o Vasco. Está na cara que os juizes escalados na chave do Brasil estão lá para roubar o Brasil. Basta lembrar que o tal Yamazaki foi o mesmo que expulsou o Garrincha em 62. Quer dizer: o cara que tem coragem de expulsar o Garrincha é capa de qualquer coisa. Até roubar em favor do Brasil.

Paulo Francis – Time bom se vê em campo, não em palpites de jornalistas. Juiz ladrão, idem, idem.

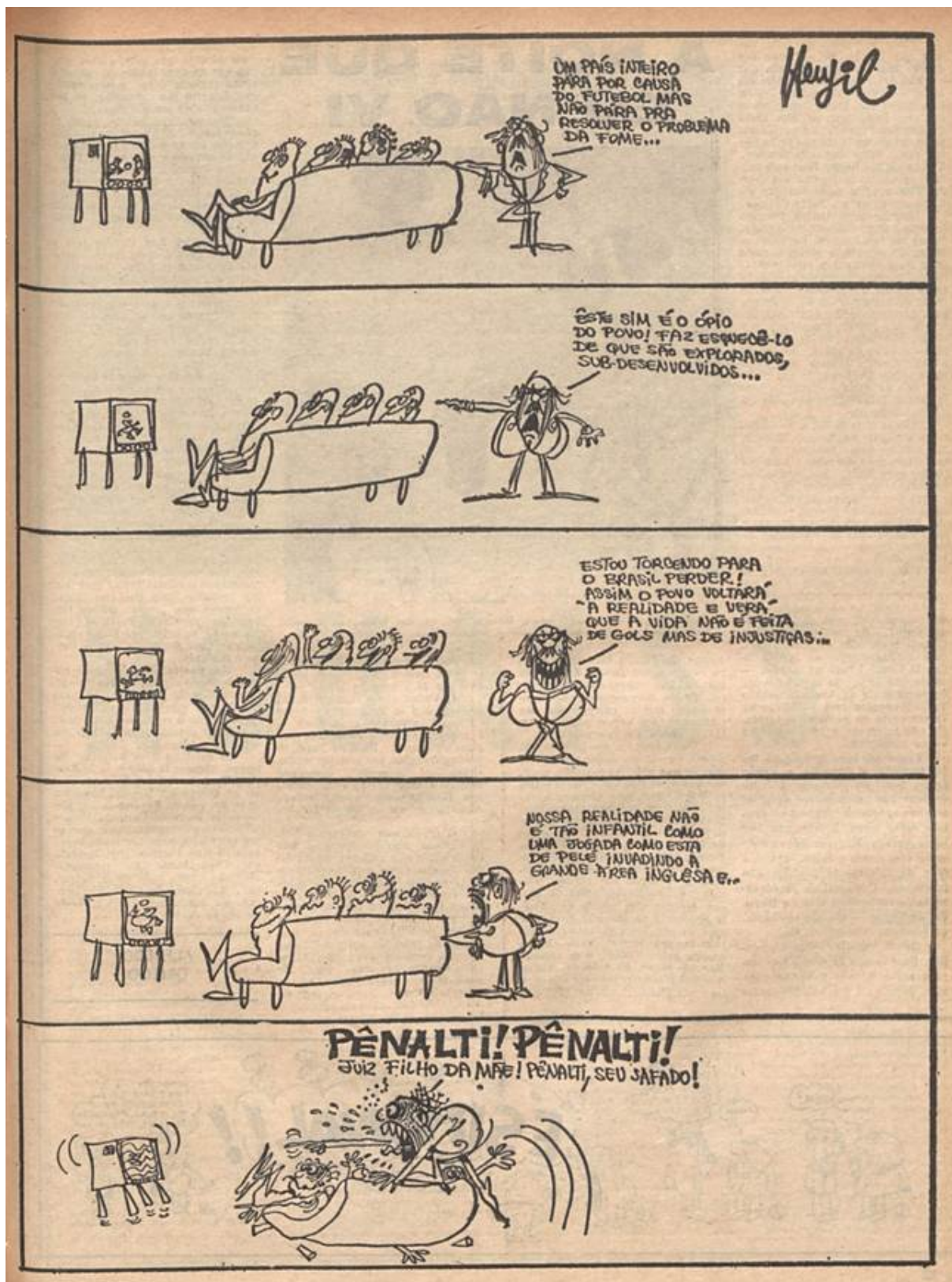
Luiz Carlos Maciel – os jogadores brasileiros são os melhores do mundo. Mas já eram em 66 e não adiantou nada. Duvido que adiante agora. Juiz é sempre ladrão quando o time da gente perde.

Tarso de Castro – A seleção brasileira é basicamente chata. Pode-se dizer que isto não tem nada a ver com o esporte. É mentira. Ninguém consegue ganhar sem... E como é que alguém pode achar que o chato do Zagalo consegue dirigir alguma coisa? É isto, técnico chato, seleção chata, já perdeu. A seleção vai perder porque ela é reflexo do nosso tédio nos dias atuais. (O Pasquim número 50 de 04 a 10/06/70, p. 2-3)

Na edição 51, de 11 a 17 de junho de 1970, Henfil trazia à tona, através de uma charge, o que ficou conhecido como o grande dilema da esquerda durante a Copa do Mundo de 1970. De um lado se dividiam os que repudiavam o futebol, por servir como uma espécie de “pão e circo” naquele momento de tensão e outros que clamavam que o futebol deveria ser separado do inimigo.

Na charge, Henfil demonstra de forma humorística o estado de ânimo da esquerda que, ao mesmo tempo em que criticava os problemas sociais e as medidas autoritárias da ditadura, não conseguia ser alheia ao espetáculo.

Figura 13 – Pênalti!



Fonte: **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 51, p. 11, jun. 1970. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124745&pagfis=1035>.

Na mesma edição, Armando Marques entrevista o então técnico da seleção peruana, Waldir Pereira, conhecido como Didi dando a entender que o mesmo havia sido censurado em suas declarações:

Havia uns 600 caras comendo e bebendo na recepção que o embaixador brasileiro, no México, ofereceu em sua residência. [...] Didi, que já foi brasileiro, inclusive em 58 e 62, compareceu. Aí puxei papo com êle:

Eu: - E a tal máfia de que você me falou:

Didi: - Não tem

Eu: - Morreu?

Didi: - Não sei, isso é invenção de jornal. Não falei nada disso.

Eu: - Annnnn. Tacaram-te a rolha. (O Pasquim número 51 de 11 a 17/06/70, p. 3)

Mais a frente, Armando Marques não poupou elogios a seleção após a vitória sobre a Inglaterra, campeã da edição anterior da Copa do Mundo em 1966, por 1 x 0 pela segunda fase da Copa. Marques compara a seleção de 1970 com as vitoriosas seleções de 1958 e 1962, além da equipe de 1950 que levou o vice campeonato em casa. Suas palavras representam muito bem a forma romantizada pela qual a Seleção era exaltada na mídia:

Um onze uniforme como não tínhamos visto desde a classificação. Um leão (indígena) com 22 patas ou mil garras. Esfaimado. Sedento. Possesso. Impetuoso. Brillhante. Humilde. Avassalador. Obediente. Clássico. Brasileiro. Futebol. É impossível encontrar formulas de poder descrever ou narrar o que presenciamos domingo. Revive esta seleção as grandezas das grandes seleções de 50, 58 e 62. Impõe esta seleção ao mundial o ritmo da técnica soberba de um futebol rico em gênios criadores. (O Pasquim número 51, de 11 a 17/06/70, p. 5)

O árbitro continua adiante parabenizando a torcida brasileira presente e estabelece uma forte relação entre a Seleção e o sentimento de pertencimento nacional:

[...] Palmas de respeito e agradecimento aos guerreiros da seleção. Ao seu comando pela unidade conseguida em todos os setores. Ao público de Guadalajara pelo calor de clima de Brasil que criaram em torno dela. Aos Brasileiros que até aqui se deslocaram, pelo entusiasmo com que gritam e vibram com ela. Antes, durante e depois. Bem muito depois. Ninguém dorme em dia de seleção. NINGUÉM. Pela confiança que demonstra do 1º ao derradeiro minuto da guerra. Pela apurada técnica com que se desenvolve dentro do jogo, pela forma físico-atlética que ostenta. Pela moral. Pelo comportamento. Por representar as melhores tradições de gloria de um futebol glorioso.

Isto não é um hino do “já ganhou”. É um tributo ao trabalho excepcional desenvolvido no preparo da mais preparada seleção que nos representa. (O Pasquim número 51, de 11 a 17/06/70, p. 5)

Essa comparação, nas palavras de Marczal (2011, p. 230-231), representava a “a sinergia e a efusiva festa da torcida em apoio à equipe”, reforçando a identificação entre a Seleção e população como uma “legítima representante nacional”.

Na edição seguinte, a de número 52 de 18 a 24/06/1970, em sua entrevista com Zagalo ao fim do jogo contra a Romênia, no qual após ter aberto uma vantagem de dois gols, a Seleção sofreu dois gols dos romenos mesmo vencendo a partida por 3 x 2, Armando Marques se mostrava apreensivo com a atitude em campo:

MARQUES – Velho, desculpe-me, mas parece que alguns merecem um “pito” pelo descaso que demonstraram para com o jogo. 2 x 0 não dá o direito de ninguém “rubar” dentro de campo. Brincar só na hora do recreio.

ZAGALO – É uma forma de extravasar o tédio armazenado durante um período tão longo de concentração dentro e fora do Brasil, Armando. A turma tem vivido dias de muita tensão (TENSÃO) desde que chegamos aqui, até o dia do jogo com a Inglaterra. Fêz dois gols de cara... é difícil segurar o “boi”, aqui, no clube. É defeito de fábrica. (O Pasquim número 52, de 18 a 24/06/70, p. 6)

Mesmo preocupado, em seus comentários sobre o jogo seguinte, ainda na edição 52, Armando Marques comemorava a vitória contra a Seleção do Peru e colocava o Brasil como o grande favorito para a fase das semifinais do torneio, onde o Brasil enfrentaria o Uruguai em uma revanche da final da traumática Copa do Mundo de 1950 e a Itália jogaria contra a Alemanha Ocidental. Todos os quatro semifinalistas já haviam sido campeões mundiais e Brasil e Itália buscavam o tão sonhado tricampeonato.

Na edição 53, de 25/06 a 01/07/1970, a primeira após o título, Fausto Wolf escreve um texto intitulado “Forza (mas nem tanto) Itália”, no qual relata o dia que recebeu Millôr Fernandes em sua casa, em Roma, no dia da final da Copa do Mundo, texto esse que recebe pós-escrito de Fernandes pedindo aos colaboradores do jornal e que criticaram Zagalo e a Seleção se desculpassem publicamente:

PS: do Millôr Fernandes (O Millôr acha importante e desafia vocês a publicarem) – O mínimo que d'O PASQUIM pode fazer a partir deste momento é meter o galho dentro, numa autocritica feroz, se não este jornal está ferrado. Batam no peito e digam mea culpa e comecem a fazer revisão de

todas as besteiras que vocês todos, ou quase todos, disseram sobre o técnico Zagalo. Eu não quis dizer nada porque não sou entendido, mas o que li de besteiras foi uma grandeza. (O Pasquim número 53, de 25/06 a 01/07/70, p. 2)

É importante salientar que Wolf havia se mudado para Europa após o recrudescimento da ditadura em 1968 (Marczal, 2011, p. 247) e se encontrava em exílio na Itália. No texto Fausto abordava questões como o sentimento nacionalista que a Copa do Mundo trás à tona, até mesmo para os leigos no assunto como sua esposa:

Estamos em meu apartamento. Uísques nervosos. Minha mulher, cenógrafa que de Eurípedes entende muito, mas de Pelépidés não manja nada, me disse: - Meu bem não saia de casa hoje ganhando ou perdendo. Por que esse jogo é um momento histórico. Não tem viagem a Lua que chegue aos pés dessa partida. Não tem terceira guerra mundial que a supere.

Roma, que depois do Rio era a cidade mais barulhenta do mundo, silencia. Pela TV, ouço nosso Hino Nacional. E, surpreendido, me descubro cheio de arrepios. Brasil um a zero. Minha mulher berra em grego. E o meu berro em português para ela também é grego. (O Pasquim número 53, de 25/06 a 01/07/70, p. 2)

Em sua coluna, Armando Marques celebra a conquista em um texto lotado de uma carga emocional e de um simbolismo nacionalista voltado a paixão pelo futebol e todas as especificidades que separam o futebol brasileiro do praticado no resto do mundo:

Eu vi gerações de grandes craques. Leônidas da Silva, Domingos da Guia, Ademir, Zizinho, Garrincha e Pelé. O Brasil merece a conquista definitiva da Taca Jules Rimet. Pela arte do seu futebol, pelos gênios que produz, por jogar e deixar jogar. Porque nós amamos futebol.

Que vivam ainda mais, que amem mais ainda. Façam festas, brinquem o carnaval. Aqui no México, o carnaval está comendo nesta madrugada de domingo para segunda. (O Pasquim número 53, de 25/06 a 01/07/70, p. 3)

No campo imagético, a edição continha duas páginas com charges de Ziraldo sobre a conquista. Em uma delas, um torcedor emocionado com aparência precária, descalço e ajoelhado em um chão árido em uma referencia às secas e à miséria no Nordeste, grita aos ventos “eu não mereço tanta felicidade” explicitando a ironia da charge. Em seguida, uma charge ilustra a comemoração da conquista como um grande símbolo de mobilização social.

Figura 14 – Ziraldo e o tri



Fonte: **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 53, p. 6, jun-jul. 1970. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124745&pagfis=1219>.

Já na edição seguinte seria a vez de Sergio Cabral responder ao pedido de Millôr no texto intitulado: “Millôr perdeu”:

Millôr Fernandes obrigou o Pasquim a fazer uma autocritica em relação ao nosso comportamento antes da Copa do Mundo. Segundo êle, nós fomos injustos com a Comissão Técnica e, particularmente, com Zagalo. Por causa disso, dei uma olhada na coleção do jornal e o que vi foram alguns paus no Zagalo, meus e do Hélio Fernandes, porque êle não queria escalar Tostão ao lado de Pelé. Depois, Zagalo escalou Tostão, fazendo êle mesmo a tal autocritica. Portanto, Millôr, você perdeu. (O Pasquim número 54, p. 39)

Armando Marques, no texto “Não é só no campo que se ganha a copa”, na edição 54 de 02 a 08/07/1970, comentaria sobre as críticas que os integrantes do jornal fizeram antes da Copa do Mundo pedindo para que seus elogios a seleção não fossem censurados: “Atenção Censura de O Pasquim (a interna) vê se não corte tudo que escrevo”. (O Pasquim número 54, p. 6)

Na mesma edição Paulo Francis escreve na seção “Opinião Pessoal”, uma reflexão sobre a conquista da Copa do Mundo em um Brasil que passava por um regime autoritário:

As multidões nas ruas, depois das vitórias brasileiras na Copa do Mundo, estariam somente celebrando futebol? Nada de comparável aconteceu em 1958 e 1962. Nem o fato do tri ou da posse definitiva da Taça explicam de toda a arruaça, pois arruaça foi. Havia algo mais, óbvio e inconsciente. Desde 1964, esta foi a primeira vez que o povo se sentiu unido em torno de um objetivo nacional. A inexistência de veículos de extravasão política, o tédio, o medo e a miséria da vida do Brasil de hoje encontraram um antídoto nos nossos 11 jogadores em campo. Eles saíram daqui tão desmoralizados como nós. Lá fora, se reencontraram, talvez porque livres da nossa opressiva atmosférica doméstica, e a gente, por preocupação, partilhou esse estado de espírito. Agora acabou, mas ficaram alguns sinais na parede para que sabe lê-los. (O Pasquim número 54, p. 25)

Ainda na mesma edição, na sessão “O Que Há Para Ler”, onde publicações de outros periódicos eram publicadas nas páginas de *O Pasquim*, um texto originalmente publicado no jornal carioca *Última Hora* e escrito por Rubem Braga reflete sobre a real importância do título e seu papel no imaginário popular brasileiro:

Na hora a gente não pensa nada, apenas salta e berra: Brasil, Brasil, Brasil! Passado esse momento de gostoso furor irracional, é inevitável que a gente se ponha a pensar na importância e no sentido de tudo isso. Falando sério: o que vale e o que quer dizer esse tricampeonato mundial de futebol? Será uma afirmação do homem brasileiro, uma prova de capacidade do próprio Brasil?

Somos tentados a pensar que sim. A tentação é tão forte que não vou resistir; mas como essa afirmação e essa capacidade se limitam quase apenas ao futebol é o caso de perguntar se não se trata de uma habilidade específica de lidar com a pelota. (O Pasquim edição 54, p. 10)

Na edição 55 os jornalistas do periódico entrevistam o jogador campeão mundial pela Seleção Brasileira, Gerson. A entrevista abordava tanto questões esportivas quanto da vida particular do jogador. Martha Alencar, então, refletia sobre o sentimento nacionalista que englobava a conquista quando pergunta:

Martha- Você, como jogador, que que você acha desse clima que se criou em torno da Copa, do tri-campeonato? Porque virou um caso de orgulho nacional?

GERSON – Isso é normal. Sempre quando toca no nome do Brasil, a coisa muda de figura. Não é Flamengo ou o Corinthians, é coisa nacional que toca o coração. Graças a Deus nós ganhamos essa Copa porque se não ganhássemos haveria problema aqui no Brasil. Você sabe que o futebol é ...

Martha – É uma válvula de escape?

GÉRSO – É a válvula de escape. O povo podia passar fome nessas seis partidas da Copa do Mundo. Eles passariam fome, rindo Marta – Você acha isso bom?

GÉRSO – Eu não tenho nada que achar. O problema é que isso toca o povo, o povo quer isso. Não interessa o que ele vai passar desde que o Brasil ganhe a Copa. É como o Flamengo, o cara traz isso no sangue, morre mas é Flamengo. É isso, o que que vai fazer? (O Pasquim, edição 55, p. 12-15)

Analisando as citações dispostas neste capítulo, verificamos uma grande mudança no pensamento e na linha editorial do periódico, fato esse, ironizado por Cabral na seção de cartas na edição 58 de 30/07 a 05/08/1970:

Fernando Avila: O Zagalo é o culpado por tudo que está acontecendo com a seleção, mas os maiores culpados são os que escolheram Zagalo para técnico da CBD.

Cabral: Puxa vida, que cano, Fernando. A sua carta é de maio, quando a onda era esculhambar Zagalo. (O Pasquim edição 58, p. 24)

Esta citação evidencia de forma humorada a mudança em relação à Seleção Brasileira, fato que fica evidente com o passar das edições do jornal.

Considerações finais

Analisando a linha editorial em *O Pasquim* no período que antecede a Copa do Mundo de 1970 e, posteriormente, no período em que a Copa estava em andamento e no seu imediato pós término, fica claro que houve uma grande mudança no discurso em volta da Seleção Brasileira e, principalmente, em relação ao técnico Mário Jorge Lobo Zagallo.

É importante entender que as críticas feitas no período pré-Copa, partem de diversos fatores, não se limitando à oposição política em relação às interferências do regime na CBD e na Seleção Brasileira.

Mesmo que muitas críticas tenham foco extra desportivo, muitas outras não apresentam um caráter intrinsecamente político e se baseiam em discordâncias voltadas apenas ao futebol.

Nesse contexto, podemos encontrar, através da formação discursiva do periódico, críticas inerentemente políticas, como as de Pedro Ferreti na edição 43, que falava sobre como as notícias sobre a Seleção Brasileira estava cegando o povo em relação a problemas mais importantes e a de Tarso de Castro em entrevista com Tostão na edição 45, onde pergunta ao jogador sobre a viabilidade da participação de uma seleção que passava por um governo ditatorial em um evento global como a Copa do Mundo e, por outro lado, críticas puramente desportivas, como as de Tarso de Castro na edição 46 e a de Hélio Fernandes na edição 47, ambas apresentando discordância com a forma que Zagalo organizava seu esquema tático.

Isso mostra como, mesmo que os jornalistas em *O Pasquim* fizessem parte da oposição política ao regime e esse fosse um dos principais fatores criticados pelo jornal, seu discurso não se limitava a esse tópico e como que, da mesma maneira que criticavam o autoritarismo e as interferências do governo no futebol, eles também se preocupavam com o desempenho da Seleção Brasileira na Copa do Mundo.

Tal fator é evidenciado com a reação da “patota”³ aos jogos da seleção na Copa do Mundo, quase como, que pelo menos por um tempo, as conquistas da seleção tenham

³ Patota era um termo utilizado pelos integrantes do jornal *O Pasquim* para se referir aos membros fixos do periódico.

feito com que os jornalistas do periódico tenham deixado o caráter político em torno do futebol de lado para comemorar o título brasileiro.

Naturalmente, mesmo com a conquista, o jornal manteve muito de suas críticas, como evidenciado pela charge de Jaguar na edição 54 de 2 a 8 de julho de 1970, que criticava a forma como o regime utilizou da vitória da seleção como propaganda, contrastando toda a festa com a desigualdade socioeconômica presente no país.

Figura 15 – E agora José?



Fonte: **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 54, p. 40, jul. 1970. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124745&pagfis=1253>.

Contudo, é notável a diferença no tom e na frequência dessas críticas se comparadas às edições anteriores à Copa do Mundo.

O Pasquim, no fim das contas, é um fruto de seu tempo. Com sua abordagem humorada e irreverente, o periódico foi um importante veículo na oposição à Ditadura Militar.

Com seu foco no cotidiano brasileiro, o futebol surge como um importante fator na sua formação discursiva, principalmente após as interferências do regime na CBD e na Seleção Brasileira a partir de 1969.

Contudo, os jornalistas do periódico não saíram imunes do sentimento de pertencimento nacional proporcionado por uma conquista de Copa do Mundo, o que fica evidente no discurso do jornal após a conquista da seleção.

Referencias

AI-5 deu início aos Anos de Chumbo da ditadura militar. Folha de S.Paulo, São Paulo, 30 de dezembro de 2008. Disponível em:

<https://m.folha.uol.com.br/poder/2008/12/478768-ai-5-deu-inicio-aos-anos-de-chumbo-da-ditadura-militar-leia-trecho.shtml>. Acesso em 15 de Janeiro de 2022.

ALTAMIRANO, Carlos. Introducción al Facundo. In: Para un Programa de Historia Intelectual y otros Ensayos. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

ARAÚJO, Silvia; CARDOSO, Alcina. Jornalismo e Militância Operária. Curitiba: EdUFPR, 1992.

BANDEIRA DE MELO, Patricia. Um passeio pela história da imprensa: O espaço público dos grunhidos ao ciberespaço. Comunicação e informação. (Online). São Paulo: 2005.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70. 1977.

BATE BOLA MEMÓRIA FC #10 - Futebol e Ditadura Militar. Disponível em:

<<https://ludopedio.org.br/agenda-de-eventos/futebol-e-ditadura-militar/>>. Acesso em: 6 jul. 2023.

BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL. Presidente (1969-1974: EMILIO GARRASTAZU MÉDICI). “Na praça do povo”, discurso pronunciado no dia 25 de fevereiro de 1970, no 416º aniversário de fundação da cidade de São Paulo, disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/emilio-medici/discursos/1970/03/view>. Acesso em: 18 de março de 2022.

BRASIL. Presidente (1969-1974: EMILIO GARRASTAZU MÉDICI). “O valor do homem brasileiro”, mensagem do presidente Médici ao povo brasileiro quando da vitória da seleção no Campeonato Mundial de Futebol, disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/emilio-medici/discursos/1970/16/view>. Acesso em 18 de março de 2022

BREITKREITZ, Luciano Anderson. A ditadura e o futebol na América do Sul: a construção de um imaginário coletivo através das copas do mundo de 1970 e 1978. Revista Semina, v. 11, n. 01, 2012.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. Uma história social da mídia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BUZALAF, Márcia Neme. A censura no Pasquim (1969-1975): as vozes não-silenciadas de uma geração. 2009.

CARNEIRO, Henrique Figueiredo. "O Pasquim. Antologia Vol. I-1969-1971." *Revista Mal Estar e Subjetividade* 6.1 (2006): 262-264.

CARREIRA, A; L; R. A “RELIGIÃO LEIGA DA CLASSE OPERÁRIA” E OS SENTIDOS DA CIDADE: URBANIZAÇÃO, TRABALHO E FUTEBOL NA CIDADE DE SANTOS (1892–1920). In Recorde: Revista de História do Esporte. Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 1–36, jul./dez. 2018.

CARRIERI, Alexandre de Pádua. O humor como estratégia discursiva de resistência: as charges do SINTTEL/MG. Organizações & Sociedade, v. 11, p. 29-48, 2004.

CHAVES, Niltonci Batista; KARVAT, Erivan Cassiano. Intelectuais, Discursos e Instituições: As relações entre a História Intelectual (e/ou de intelectuais) e a História Local (reflexões sobre possibilidades de pesquisa). IV Congresso Internacional de História. Maringá. 2013. Mídia Digital.

CORRÊA, Amélia Siegel. Imprensa Política e Pensamento Republicano no Paraná no Final do Século XIX. Revista de Sociologia Política. (Online) Curitiba: 2009.

- DAMATTA, R. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DA-MATTA, R. et al. Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAOLIO, J. O drama do futebol brasileiro: uma análise socioantropológica. In: DAO-LIO, J. Cultura: Educação Física e futebol. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- DIAS JUNIOR, Leonço Aguiar. Futebol e política em 1970: uma análise do dilema editorial do Jornal O Pasquim no tricampeonato do México. 2010.
- FAUSTINI, V. “Fui o facilitador dos gols de uma Seleção revolucionária”, diz Tostão - Lance! Disponível em: <<https://www.lance.com.br/selecao-brasileira/fui-facilitador-dos-gols-uma-selecao-revolucionaria-diz-tostao.html>>. Acesso em: 6 jul. 2023.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FOUCAULT, Michael. História da sexualidade I, 1976.
- FRAGA, Gerson Wasen. Futebol, imprensa e ditadura: das formiguinhas de Geisel à abertura de Telê. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História–ANPUH• São Paulo, 2011.
- FRANCO JR, Hilário. A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade. 2007.
- FRANZINI, Fabio. Corações na ponta da chuteira: *capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919–1938)*. DP&A editora, 2003.
- GIACOMONI, Marcello Paniz; VARGAS, Anderson Zaleski. 9) Foucault, a Arqueologia do Saber e a Formação Discursiva. Veredas-Revista de Estudos Linguísticos, v. 14, n. 2, 2010.
- HOBBSBAWM, Eric J. Mundos do Trabalho. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- HORNBY, Nick. Febre de bola. Editora Companhia das Letras, 2013.
- KFOURI, J. O futebol entre palcos e bastidores. In: CARRANO, P. C. R. (Org.). Futebol: paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- KFOURI, J. ERIC HOBBSBAWM E O FUTEBOL. Uol, 2012. Disponível em: <https://blogdojuca.uol.com.br/2012/10/eric-hobsbawm-e-o-futebol/>. Acesso em: 24 de setembro de 2021.
- KURTZ, Adriana Schryver; SPARREMBERGER, Vinícios. Política e Futebol nas Charges sobre a Copa do Mundo Fifa: Análise comparativa entre os jornais Correio do Povo e Zero Hora. Razón y Palabra, v. 21, n. 97, p. 704-727, 2017.
- LUMATTI, Paulo Teixeira; NICODEMO, Thiago Lima. Arquivos pessoais e a escrita da História no Brasil: Um balanço crítico. Revista Brasileira de História. (Online). São Paulo: 2018.
- MADIO, Telma Campanha de Carvalho. A fotografia na imprensa diária paulistana nas primeiras décadas do século XX: O Estado de São Paulo. Revista História. (Online). São Paulo: 2007.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves. Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina. 2013.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves. Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina. Lamparina, 2014.
- MAGALHÃES, Lúcia Gonçalves. Ditadura e futebol: O Brasil e a Copa do Mundo de 1970. Polhis, ano, v. 5, 2012.

- MARCZAL, Ernesto Sobocinski. O "Caneco é nosso": futebol, política e imprensa entre 1969 e 1970. 2011.
- MARX, K. O Capital. Livro 1, vol.1. 30ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- MELLO, Silvia Gomes Bento de. Paraná das Tipografias, Paraná das Letras: Elementos para uma história da cultura escrita no Paraná. Clio: Revista de Pesquisa Histórica. (Online). Recife: 2021.
- MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D.'Amaral et al. Futebol e Ditadura Militar: a elaboração dos projetos políticos para o futebol brasileiro 1966-1971. 2017.
- ORLANDI, E. P. Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007
- Os bastidores da pioneira transmissão do Tri do Brasil na Copa de 70, que faz 50 anos. BBC News Brasil, [s.d.].
- PASQUIM, O – Antologia – Volume I – 1969-1971. Organização: Sérgio Augusto e Jaguar. Rio de Janeiro: Editora Desiderata, 2006.
- PAZINATO, Cássius Selvero et al. Os sentidos produzidos nas charges de Henfil no jornal O Pasquim sobre o AI-5. 2021.
- O Globo, Rio de Janeiro, 22 de junho, p.1, 1970
- POSSAMAI, Zita Rosane. Fotografia, História e Vistas Urbanas. Revista História. (Online). São Paulo: 2008.
- REIS, H. H. B.; ESCHER, T. A. Futebol e sociedade. Brasília: Liber Livros, 2006.
- SILVA, G. R. da. Toda força para o tri. O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 41, n.40, nov. 1969
- SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: História da vida privada no Brasil 3: República: da belle époque à era do rádio, 1998.
- SOTANA, Edvaldo Correa; MAGALHÃES, Mellany Oliveira. Ativismo político em traços de humor. albuquerque: revista de história, v. 7, n. 13, p. 6-24, 2015.
- VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro. Novos domínios da História. Elsevier Brasil, 2011.
- VASCONCELLOS, Douglas. Esporte, poder e relações internacionais. 2008.
- Veja, São Paulo, 3 de junho, p. 35, 1970.
- WOITOWICZ, Karina Janz. Recortes do tempo na escrita do jornal. História e cotidiano.
- MELLO, Silvia Gomes Bento de. Paraná das Tipografias, Paraná das Letras: Elementos para uma história da cultura escrita no Paraná. Clio: Revista de Pesquisa Histórica. (Online). Recife: 2021.
- MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D.'Amaral et al. Futebol e Ditadura Militar: a elaboração dos projetos políticos para o futebol brasileiro 1966-1971. 2017.
- POSSAMAI, Zita Rosane. Fotografia, História e Vistas Urbanas. Revista História. (Online). São Paulo: 2008.
- WOITOWICZ, Karina Janz. Recortes do tempo na escrita do jornal. História e cotidiano.
- ZAPPA, Regina. Chico Buarque para todos. Inquilinos Producao Cultural, 2016.